

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Valéria de Almeida Laura

**ALGUMAS APROXIMAÇÕES ENTRE VIOLÊNCIA, ESCOLA
E JUVENTUDE.**

Campinas, 2011

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Valéria de Almeida Laura

**ALGUMAS APROXIMAÇÕES ENTRE VIOLÊNCIA, ESCOLA
E JUVENTUDE.**

Monografia apresentada a Faculdade de
Educação da UNICAMP, para obtenção do
título de graduada em Pedagogia, sob a
orientação da Profa. Dra. Dirce Djanira
Pacheco e Zan.

Campinas, 2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

L372a Laura, Valéria de Almeida.
Algumas aproximações entre violência, escola e
juventude / Valéria de Almeida Laura. – Campinas, SP:
[s.n.], 2011.

Orientador: Dirce Djanira Pacheco e Zan.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Violência escolar. 2. Escolas. 3. Juventude. I. Zan,
Dirce Djanira Pacheco e. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

11-126-BFE

AGRADECIMENTOS

Agradeço este trabalho a todas as pessoas amigas e companheiras que sempre estão comigo para o que der e vier em especial à companheira de todos os momentos, minha querida mãe Maria de Lourdes.

Ao amigo Eduardo que muito contribuiu para o desenrolar desde trabalho e às amigas Beatriz por sua amizade incondicional e Gabriela pelo companheirismo na amizade e na luta.

Agradeço também ao querido Edinho, e a todos os amigos que estiveram comigo na Pastoral da Juventude e que continuam na luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

À escola (alunos, funcionários, professores e direção) que me recebeu e assim contribuiu para que este trabalho fosse concretizado, agradeço-lhes imensamente.

À Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco e Zan que me orientou com tamanha dedicação e sabedoria e à Cátia Alvisi por sua gentileza em aceitar ser a segunda leitora deste trabalho, meu muito obrigado.

“Eu vou á luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada
Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada”
(Gonzaguinha)

RESUMO

Neste presente trabalho, procuro evidenciar as relações entre a violência e o jovem com o intuito de desvelar, por exemplo, como o conceito de invisibilidade que acompanha o jovem criminalizado socialmente, também pode ser observado dentro dos muros da instituição escolar.

Com o estudo da bibliografia que trata deste assunto e a realização do trabalho de campo em uma escola da rede pública no município de Sumaré, foi possível perceber que a violência à escola, poderia ter duas interpretações: uma primeira que expõe a ideia de que a violência pode ser uma resposta em busca da visibilidade, em busca de se fazer notar pelo professor, pela escola e uma segunda que considera a violência à escola também como uma resposta a tantos atos violentos sofridos pelo jovem no cotidiano escolar.

Tendo estas percepções, conclui-se que se faz necessário que professores olhem para seus alunos e vejam neles jovens, ou seja, sujeitos de direitos que estão construindo sua identidade tendo como referência o olhar do outro, que também se faz no olhar do professor.

ABSTRACT

In this work, I try to highlight the links between violence and the young in order to reveal, for example, how the concept of invisibility that accompanies the young socially outlawed, can also be seen within the walls of the school.

With the study of literature that deals with this issue and the completion of fieldwork in a public school in Sumaré, it was revealed that violence in school, could have two interpretations: the first one that exposes the idea that violence may be an answer in search of visibility, seeking to be noticed by the teacher, the school and a second that considers violence to school also as a response to violence suffered by so many young people in school life.

With these insights, we conclude that it is necessary that teachers look at students and young people see in them, ie, subjects of rights who are building their identity with reference to the gaze of another that is also on the look up the teacher.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Violência e Escola.....	13
2.1. Sistema de Proteção Escolar.....	27
3. Juventude e Escola.....	31
4. Episódios do cotidiano escolar.....	42
5. Considerações Finais.....	58
6. Referências Bibliográficas.....	61
7. Anexos.....	64
7.1. Matéria Jornal Correio Popular.....	64
7.2. Transcrição Entrevistas.....	65
7.3. Campanha Contra o Extermínio de Jovens.....	89

1. INTRODUÇÃO

Após alguns anos na Pastoral da Juventude¹, despertei-me para a temática que envolve este presente trabalho: das formas de criminalização do jovem em nossa sociedade e em especial, no interior da escola.

Um exemplo dessa criminalização é a culpabilização transferida ao jovem quando se tem uma situação de violência em que este sujeito está envolvido, sem o entendimento das “raízes” do problema.

Para isso, procuro evidenciar as relações entre a violência e o jovem com o intuito de desvelar, por exemplo, como o conceito de invisibilidade que acompanha o jovem criminalizado socialmente, também pode ser observado dentro dos muros da instituição escolar.

Para caracterizar e distinguir as diferentes “violências” existentes na escola utilizamos os conceitos de Bernard Charlot (2002) de violência na escola, violência à escola e violência da escola. Para este trabalho, também foram visitados outros autores como: Àurea M. Guimarães (1985, 1996 e 2007), Marisa Feffermann (2006), Antônio A. S. Zuin (2008), entre outros.

Realizado este estudo bibliográfico, partimos a campo. Esta foi uma experiência fundamental e necessária para a constituição desta monografia, uma vez que só assim pude fazer a aproximação entre o real (ou construção do real) e a bibliografia estudada.

Vale, neste ponto, lembrar da afirmação de Geertz (1999) de que estaremos diante de uma versão dos fatos, parcial e provisória, posto que nossos relatórios de pesquisa expressam não a realidade social observada, mas uma construção do real, a partir de nossas observações, de nossos pressupostos teórico-metodológicos e do recorte que fazemos numa realidade multifacetada. (TURA, 2003, p. 186).

¹ Organização juvenil ligada à igreja católica, que trabalha o protagonismo do jovem na transformação social.

Para que fossem observadas algumas das relações propostas, pensamos que seria interessante buscar uma escola que fosse conhecida pelos constantes atos de violência e assim chegamos a uma instituição localizada em um bairro da periferia da cidade de Sumaré.

Anos antes quando por outro motivo estive nesta escola, observei que a mesma estava toda quebrada. Os banheiros, por exemplo, praticamente não existiam: muitas pichações, portas, vidros, carteiras e cadeiras quebrados, caracterizando um ambiente de total destruição.

Agora, quando a procurei para realizar esta monografia, já de início, pensei em desistir deste campo, uma vez que aquela já não era mais a mesma escola com a qual tive contato em anos anteriores: estava toda reformada e não havia sinais de pichação e depredação.

Apesar do desejo em deixar este campo e partir para outro, esta situação encontrada instigou-me a descobrir o que teria acontecido para aquela mudança ocorrer. Decidi então, a partir da orientação de minha professora, de prosseguir no trabalho naquela instituição, investindo na observação do cotidiano escolar.

A observação é a primeira forma de aproximação do indivíduo com o mundo em que vive. Dessa atividade primitiva decorrem aprendizados que são fundamentais para a sobrevivência humana. Pelo olhar entramos no mundo, começamos a nos comunicar com ele e iniciamos o conhecimento a respeito dos seres que nele habitam. (TURA, 2003, p. 184).

Fui à escola algumas vezes à procura da diretora afim de que ela me autorizasse a adentrar naquela instituição e conseguida a autorização, iniciei a observação em meados do mês de agosto de 2010.

Após um tempo de observação, decidimos por realizar entrevistas com algumas pessoas que pudessem nos revelar algo a respeito e para isso, estes sujeitos deveriam ter presenciado a transição daquela escola depredada para a escola de hoje.

Em meio a algumas resistências e o tempo que se tornou curto para expor tantas ideias e ir à busca de mais dados, conseguimos colher quatro entrevistas: duas com um mesmo professor que estava naquela escola há muitos anos, outra com um professor que também participou das ações que visaram à transformação da instituição, e uma última com a secretária da escola.

As questões tratadas nas entrevistas foram pensadas após a escolha dos sujeitos que seriam entrevistados. Estas foram pensadas de forma que pudessem gerar um diálogo entre entrevistador e entrevistado e que pudessem revelar relatos importantes a respeito da transição ocorrida na escola.

Apesar da construção prévia de um roteiro de questões, não houve uma preocupação em seguir a estrutura ou ordem das perguntas.

Com este material em mãos, pude então aproximar o estudo bibliográfico ao observado e ouvido neste curto período em que estive na escola e a partir de então começamos o trabalho efetivo de escrita e construção deste presente texto que está estruturado em três capítulos conforme segue.

O primeiro capítulo intitulado “Violência e Escola” foram pontuadas algumas problemáticas que envolvem a juventude com a criminalidade e conseqüentemente com a violência e o quanto o jovem é responsabilizado por toda a desordem social.

Tratando mais especificamente do espaço escolar, este capítulo irá problematizar, através do referencial teórico, uma violência institucional e repressora por parte dos aparelhos do Estado, dentre estes a escola, que irão também contribuir para criminalização juvenil inclusive dentro desta instituição.

A problemática trabalhada é a de como esta ambivalência entre ser o protagonista das ações violentas e ao mesmo tempo sua vítima é também vivenciada pelo jovem dentro do espaço escolar.

No segundo capítulo – Juventude e Escola – buscou-se explorar a relação que se estabelece entre o jovem e a escola, com o intuito de revelar o quanto este espaço é permeado de tensões e conflitos.

Para escrevê-lo, teve-se como base a obra “Adoro odiar meu professor” de Antônio Zuin, na qual o autor irá trabalhar o conceito chamado sarcasmo pedagógico.

Este sarcasmo pedagógico revelado por Zuin seria também uma das causas para despertar o jovem para a violência à escola, mais especificamente contra o professor.

Já no terceiro capítulo, o texto que se originou tem características descritivas, uma vez que expus partes de meu diário de campo e entrevistas que realizei na escola estudada.

Neste capítulo, estando em contato com o real, pude a partir da observação, entrevistas e vivências, confrontar a bibliografia e estabelecer correlações.

Este trabalho vem se juntar a um rol de pesquisas investigativas sobre a situação da violência no espaço escolar, colaborando com a bibliografia já produzida.

Proponho uma reflexão sobre a superficialidade do “olhar social” acerca deste jovem/aluno (rebelde, indisciplinado e violento), de forma que se possam revelar suas contradições e contribuir, de forma mais assertiva, para a mudança de atitudes que possam estigmatizar e criminalizar estes sujeitos, auxiliando em ações coletivas mais eficazes.

2. VIOLÊNCIA E ESCOLA

A questão da violência cada vez mais é discutida e problematizada na contemporaneidade. Os meios de comunicação cada dia mais fazem destes acontecimentos um espetáculo e tendem a culpabilizar um público específico: o jovem negro e pobre da periferia. No entanto, essa é uma reação preconceituosa e simplificada desse que é um problema social de grande complexidade.

A violência sendo uma construção social, histórica e cultural, muda de característica com o passar do tempo, porém, sem nunca deixar de estar presente na sociedade. O que antes não era considerado como um ato de violência, hoje já o é, como, por exemplo, o preconceito racial, preconceito quanto a padrão estético, preconceito quanto à opção sexual, etc.

Tratando de violência na escola, local para onde nossos olhares irão se voltar neste trabalho, observamos que algumas décadas atrás, professores puniam seus alunos com agressões físicas e muitas vezes pelo simples motivo destes não saberem a tabuada. No passado, estas ações não eram consideradas violentas e sim educativas.

Os alunos quase nunca manifestavam seus desejos ou questionavam o professor, pois este era visto como a figura de maior representatividade do conhecimento e que tinha legítima autoridade sobre os alunos, autoridade esta que se confundia com autoritarismo.

Nas últimas décadas, percebemos que o cenário relatado acima já não é mais o mesmo. Os professores não usam mais a palmatória, porém não deixaram de agredir seus alunos com palavras difamatórias e preconceituosas. Exemplo disso foi observado no dia 30 de agosto de 2010, na escola em que esse estudo se realizou. Neste dia, fui encaminhada pela coordenadora a uma sala do 8º ano do ensino

fundamental para ficar com os jovens enquanto a professora não chegava. Não neguei em fazer isso, mesmo porque poderia ser interessante para eu observar aqueles jovens sem a presença de um professor. Mas, logo a professora chegou e “[...] os alunos estavam jogando bolinhas de papel e a mesma disse que iria enfiar as bolinhas no nariz de quem estava jogando.” (Diário de campo, 30/08/2010).

Dizeres como estes que foram proclamados por esta professora, indicam violência, ainda que ela não a execute de fato, mas por suas palavras, ela pode deixar transparecer para o jovem que a ação poderá ser possível.

Os jovens, por sua vez, já não aceitam mais esta autoridade imposta e reagem, com agressões verbais e até mesmo físicas, o que também pude observar em meu trabalho de campo:

Cheguei à escola por volta das 9 horas e não entrei em sala. Observei que uma menina saiu de uma das salas e fui perguntar o que havia ocorrido. Segundo ela, havia sido expulsa da aula por ter dito à professora de inglês que não tinha entendido o exercício e a professora lhe entregou um dicionário. A menina disse à professora que era obrigação dela explicar e então, começaram a discutir e a professora colocou a menina para fora da sala. (Diário de campo, 10/09/2010).

Não pretendo, afirmar que em tempos passados os alunos não se rebelavam, pois para isso seria necessária uma pesquisa mais aprofundada sob esta questão, mas o fato é que hoje, estas situações estão sendo cada vez mais comuns em nossas escolas.

Esta violência presente no meio escolar se faz comum no dia a dia e nos noticiários e meios de comunicação em geral, como podemos observar em uma reportagem do jornal “Correio Popular” do dia 13 de dezembro de 2010, intitulada “Violência contra o professor faz parte da rotina escolar” (Anexo 7.1).

Esta reportagem é um exemplo de que o tipo de violência vinculado é aquele que não se consegue ocultar, ou seja, a violência física que jovens praticam a seus professores.

Contudo, segundo comentário da socióloga Miriam Abramovay² editado nesta mesma reportagem, “isso também ocorre porque as escolas, e os profissionais, não estão abertos ao que vem da rua, à cultura trazida pelos jovens, os seus novos costumes”. (Correio Popular, 13/12/2010)

Neste contexto, cada vez mais pesquisas e espaços para discussão desta problemática surgem e se ampliam.

Uma pesquisa realizada durante o XXI Congresso da APEOESP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) de dezembro de 2006, entre os professores-delegados, obteve os seguintes dados:

A violência verbal foi a mais citada, com 96% dos casos. Os atos de vandalismo aparecem em segundo lugar, com 88,5% dos casos, seguido da agressão física e do furto, com 82% e 76% dos casos, respectivamente. Os casos mais graves, como os de roubo ou assalto a mão armada foram mencionados por 18% dos delegados, de violência sexual por 9% e de assassinato por 7%. (DIEESE/APEOESP, 2007)

Muito desta violência contra o professor, na realidade se mostra como uma violência contra a escola. Alguns estudos já clássicos apontam para esse fato ao desvendar os atos, por exemplo, de depredação do prédio escolar (GUIMARÃES, Áurea M. Vigilância, punição e depredação escolar. Campinas, SP: Papyrus, 1985).

Para então caracterizar e distinguir as diferentes “violências” existentes na escola foram utilizados os conceitos do filósofo francês Bernard Charlot (2002):

- *Violência na escola*: quando é produzida dentro do espaço escolar, ou seja, a escola é apenas um local, onde a violência poderá ocorrer;
- *Violência à escola*: produzida contra a escola, geralmente pelos próprios alunos e está diretamente ligada a natureza e as atividades da instituição escolar;

² Miriam Abramovay é socióloga, professora e coordenadora da área de Juventude e Políticas Públicas da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), em Brasília (DF).

- *Violência da escola*: produzida pela escola e, portanto, definida como uma violência institucional e simbólica.

A partir desse referencial teórico, é possível percebermos que a escola pode ser um espaço em que a violência externa se concretiza em seu interior, como também pode ser um espaço produtor de sua própria violência, no qual jovens e escola vivem um embate constante.

Esta violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas...). (CHARLOT, 2002, p. 434)

Pensando que o papel da escola neste sistema é o de garantir a ordem, percebemos o quanto esta instituição é detentora da chamada *violência simbólica*³, uma vez que esta se faz instrumento do Estado.

Além desta violência institucional que pode ser um dos motivos geradores da violência à escola, existem outros diversos fatores pelos quais o jovem poderá explicitar esta violência. Quero salientar que este jovem ao qual me dirijo é o já citado no início deste trabalho, pois se o jovem de um modo geral é criminalizado, isto se percebe ainda em maior número com o jovem pobre, negro e do sexo masculino. Isto não significa que jovens de classe média não pratiquem violência, depredem ou agridam o professor, mas o fato é que a criminalização da juventude está em maior intensidade sob aqueles das classes subalternas.

[...] a violência ganhou corpo, lugar, etnia, cor da pele, rosto perfil e origem. Embora seja constituída nos jogos de relações sociais, a culpabilidade de suas práticas restringe-se às classes populares, causando espanto quando seus autores são de classe média ou alta. (PIMENTA, 2007).

³ Este conceito foi criado pelo sociólogo Pierre Bourdieu para designar um tipo de violência que classifica como sendo o exercício de dominação que não pressupõe a coerção física ocorridas entre as pessoas e entre os grupos presentes no mundo social. É o poder imposto pela ideologia de um grupo dominante sobre dominados.

Um dos fatores seria ter muitos de seus direitos negados pelo Estado (moradia, saúde, lazer, cultura, educação de qualidade) e assim, não percebe o “público” como sendo algo que pertence a ele, uma vez que este jovem é desapropriado do mínimo necessário para viver.

A localização geográfica da escola e a presença do crime organizado são também possíveis influências na violência escolar, pois como iremos ver no decorrer deste trabalho, onde o crime organizado estiver presente, este se mostrará como um forte atrativo para o jovem, sendo como uma forma de ascender financeiramente ou de alcançar visibilidade social. O jovem poderá ver no tráfico um Estado paralelo com suas próprias leis, no qual terá amparo e proteção, conforme estas mesmas leis. Ele não verá mais sentido em ser submisso às leis e regras fora deste aparelho e isso poderá se refletir em sua relação com a escola. Apenas se submeterá as regras do tráfico, pois neste vê maior confiabilidade que no próprio Estado ou qualquer outro órgão e instituição.

Segundo pesquisa realizada por Feffermann (2006) e publicada em seu livro “Vidas Arriscadas: O cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico”, em entrevistas realizadas com representantes das instituições responsáveis pela lei e pela ordem, estes consideram que existem oportunidades para os jovens, tanto no que se refere ao acesso a educação quanto ao acesso ao trabalho.

A responsabilidade é dirigida para o indivíduo; essa explicação coloca o poder público em situação de menor grau de compromisso, pois as oportunidades são dadas. O Estado não é omissivo, as crianças e jovens é que não são interessados. (p. 132)

Feffermann (2006) apresenta nestas entrevistas que a “família desestruturada” sempre aparece nos discursos como justificativa à violência juvenil, pois “Eximem o Estado e a sociedade, ou seja, o problema é individual, e a responsabilidade é do meio, especialmente da família.” (p. 131)

Uma vez que a sociedade legitima esta omissão do Estado e conseqüentemente aceita a violência institucional e simbólica, só restarão aos nossos jovens os estigmas de toda a desordem social refletida inclusive dentro da escola. Como afirma Feffermann (2006) “Sobre esses jovens é depositada toda a cólera de uma sociedade que tem horror a tudo que manifesta a desordem.” (p. 161).

Diante desta percepção social, que não considera o fracasso das políticas públicas como indutor de violência, não se percebe que o jovem ao mesmo tempo em que é o protagonista dos atos de violência, também é sua vítima.

Esta percepção social tão induzida e propagada pela grande mídia tende a inculcar nos indivíduos uma concepção de que a violência é uma questão preocupante e algo precisa ser feito, porém, não propõe uma mudança no metabolismo social, gerando assim, uma culpabilidade, neste caso ao jovem, isentando o Estado deste problema.

Nesta concepção, o Estado teria o papel de combater a violência, reforçando o aparato policial e construindo prisões, sem considerar e agir sob as questões geradoras desta tensão social.

Tende-se ao aumento do controle sobre os “corpos” que transgridem regras, pois assim, pretende-se chegar à passividade o que poderia significar a resolução do problema da violência.

Colocando o Estado em posição de principal responsável, podemos analisar alguns pontos que podem levar o jovem à criminalidade e à violência, o que irá conseqüentemente refletir no espaço escolar.

A violência nem sempre está ligada a condições de pobreza, mas há de se considerar que este é um dos fatores que levam o jovem para a criminalidade,

somada a tantos outros que lhes são negados pelo Estado como educação, trabalho, saúde, lazer e cultura, contribuindo assim, para a vulnerabilidade juvenil, como já mencionado anteriormente. O jovem das classes subalternas não tem seus direitos garantidos pelo Estado e isso poderá fazer com que este se aproxime do crime organizado. Sendo o tráfico parte de sua realidade, este se torna um grande atrativo, um meio de ser reconhecido e respeitado na comunidade em que vive.

Trabalhar para o tráfico torna-se um meio rápido de ascender socialmente e sem precisar de estudos para isso, que, aliás, o jovem já entende que a escola não lhe garante um futuro melhor.

O tráfico também não lhe dá futuro, mas lhe dá o presente e é isso que passa a importar para este jovem. Através do tráfico ele poderá ter o capital necessário para consumir como qualquer outro jovem desta sociedade capitalista.

O que especifica a violência é o desrespeito, a negação do outro, a violação dos direitos humanos que se soma à miséria, à exclusão, à corrupção, ao desemprego, à concentração de renda, ao autoritarismo e as desigualdades presentes na sociedade brasileira. (SILVA e SALLES, 2010, p. 2).

Neste sentido, conforme Soares (2004) nos aponta, a violência seria uma forma de tornar-se visível diante de uma sociedade que não o vê como sujeito de direitos e pessoa em processo de desenvolvimento, passível de uma atenção especial por parte do Estado e da sociedade⁴.

Segundo o autor:

Uma das formas mais eficientes de tornar alguém invisível é projetar sobre ele ou ela um estigma, um preconceito. [...] O estigma dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe impomos. (SOARES, 2004, p. 133)

⁴ Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, esta fase deve ser priorizada no que se refere às políticas públicas, por se tratar de uma fase em que a pessoa está em desenvolvimento, ou seja, construindo sua personalidade.

Além desta forma, Soares (2004) aponta que existe ainda outra, ou seja, aquela causada pela indiferença. Parece ser exatamente isto que jovens da periferia estão sujeitos a enfrentar todos os dias, ou seja, a indiferença de uma sociedade que não os percebe.

Considerando então, que segundo a ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) a juventude é a fase em que a pessoa constrói sua personalidade e que segundo Soares (2004) esta é constituída pelo olhar do outro, este conceito de invisibilidade, torna-se fundamental para o entendimento da prática da violência pelo jovem. O jovem através da violência irá desafiar os medos desta sociedade que o exclui e o coloca à margem, tentando assim, construir sua personalidade através dos “olhares” daqueles que o criminaliza.

Na sociedade contemporânea, ser acolhido por um grupo e conquistar bens valorizados são formas de se tornar visível e neste contexto, o tráfico é um meio para o sujeito pertencente às classes subalternas ser percebido. Isto é, a moda e a arma são recursos de poder e acima de tudo, de valorização para este indivíduo.

O jovem invisível que recorre à arma para pedir socorro e reconquistar visibilidade, afirmando-se pelo avesso, só pode fazê-lo porque esta é uma das hipóteses que nossa sociedade colocou a sua disposição e a cultura sancionou. (SOARES, 2004, P. 157)

Conforme dados expostos no texto de Soares (2004), jovens entre 15 e 24 anos, pobres e negros do sexo masculino são os mais atingidos pela violência. Um estudo publicado pela UNESCO intitulado Mapa da Violência IV - 2004 denuncia que:

Em 1980 as causas externas já eram responsáveis por aproximadamente a metade (52,9%) do total de mortes dos jovens do país. Vinte e dois anos depois, em 2002, dos 47.885 óbitos juvenis registrados no SIM/DATASUS, 34.486 tiveram sua origem em causas externas pelo o que esse percentual elevou-se de forma drástica. No ano de 2002 acima de 2/3 de nossos jovens (72%) morrem por causas externas e [...] o maior responsável foi o homicídio. (WAISELFISZ, 2004, p. 26)

De acordo com o Relatório de Desenvolvimento Juvenil de 2007 feito pela RITLA⁵ morrem por dia, em média, 54 jovens vítimas de homicídio no Brasil, num total de aproximadamente 19 mil por ano.

Recentemente foi lançado o “O Mapa da Violência 2011: os jovens do Brasil”, no qual compara o índice de homicídios de jovens a uma epidemia:

Se a magnitude de homicídios correspondentes ao conjunto da população já pode ser considerada muito elevada, a relativa ao grupo jovem adquire caráter de epidemia. Os 34,6 milhões de jovens que o IBGE estima que existiam no Brasil em 2008, representavam 18,3% do total da população. Mas os 18.321 homicídios que o DATASUS registra para esse ano duplicam exatamente essa proporção: 36,6%, indicando que a vitimização juvenil alcança proporções muito sérias. (WAISELFISZ, 2011, p. 27).

Com isso, vemos que as vítimas de toda esta violência que vivenciamos e que é vinculada pelos meios de comunicação são os jovens.

Este trabalho não é uma simples defesa ao jovem, mas sim, uma análise desta situação de criminalização em que este sujeito se encontra. Sendo assim, partimos do pressuposto de que o jovem muitas vezes é sim o protagonista da violência, mas que por tantas outras mais é sua vítima, como nos mostram as pesquisas.

A relação que se estabelecerá com a escola é a de como esta ambivalência entre ser o protagonista das ações violentas e ao mesmo tempo sua vítima é também vivenciada dentro do espaço escolar.

Assim como acontece com o jovem que entra no tráfico para adquirir visibilidade, o jovem na escola poderá recorrer a atitudes de violência contra a instituição que muitas vezes se expressarão nas depredações e agressões verbais e físicas. Como nos afirma Guimarães (1985) em seu livro “Vigilância, punição e

⁵ RITLA – Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana.

depredação escolar”: “Os alunos tentam chamar a atenção dos professores para um melhor atendimento, agindo agressivamente.” (p. 127).

No entanto, não é assim que a escola percebe as depredações, pelo contrário, ela tende a associar “[...] depredação com marginalidade, com delinquência. É o “mau-aluno”, é o maloqueiro, é o favelado que depreda.” (GUIMARÃES, 1985, p. 42).

Este conceito de invisibilidade também será percebido na escola quando professores são ameaçados ou simplesmente confrontados por estes jovens que são excluídos em sala de aula ou quando o patrimônio é pichado e depredado como se fossem marcas que demarcam território em busca da construção de sua própria personalidade através do olhar (julgamento) do outro.

Essas ações poderiam ser tomadas como um chamado ao reconhecimento deste jovem que quer tornar-se visível em seu meio, ainda que seja de uma forma considerada negativa. Contudo, isto só contribui para que este seja sempre criminalizado, isto é, seja sempre considerado o grande responsável por toda desordem social.

A perda da crença na legitimidade da escola, tem se constituído também como um fator gerador de violência, ou seja, os alunos passam a perceber que o dizer “quem estuda tem futuro” é ilusório, à medida que estando estes disponíveis ao mercado de trabalho o diploma não tem o “valor” esperado.

Esta falta de sentido faz com que o jovem não se sinta motivado a frequentar a escola e acabe ocupando-se do tempo que permanece no interior desta instituição com ações diversas, em sua maioria geradoras de conflitos.

Esta tensão é ainda mais forte porque a representação da escola como via de inserção profissional e social apagou a ideia da escola como lugar de sentido e de prazer. De sorte que o distanciamento é cada vez maior entre a importância da escola (que permite aceder a uma vida desejável ou, ao menos, “normal”) e o vazio

da escola no dia a dia (onde o jovem, sobretudo nos meios populares, aprende coisas que não tem sentido para ele. (CHARLOT, 2002. p. 440).

Mas, o fato é que existe uma violência específica gerada e provocada no interior da escola, classificada por Charlot (2002) como *violência da escola*.

Na tentativa de homogeneizar os comportamentos, a escola controla seus alunos sobrepondo a estruturação individual/racional (lógica do dever-ser) sob a estruturação societal/afetiva (lógica do querer-viver), segundo o conceito de Michel Mafesolli citado por Guimarães.

Quanto maior for a violência da instituição na tentativa de impor uma pacificação ao ambiente, maiores serão as explosões das ilegalidades dos alunos que tentarão, através de diversas modulações de violência, quebrar o processo de atomização escolar. (MANFESOLLI apud GUIMARÃES, 1996, p. 92).

Guimarães (1996) ao citar Mafesolli conceitua esta violência praticada pelo grupo detentor do poder, como *violência dos poderes instituídos*.

A visão que a comunidade escolar tem sobre o jovem é também reflexo de uma visão social. Podemos ter como exemplo, a proposta da redução da maioria penal que insistentemente foi colocada pela mídia como uma solução para o problema da violência.

Já sabemos, pelos dados que foram apresentados, que o jovem é mais a vítima da violência que o protagonista e que um maior investimento em políticas públicas seria mais efetivo que métodos punitivos.

Na escola, como já dito, não é diferente e Guimarães (1985) afirma que “As técnicas disciplinares fazem com que as pessoas aceitem o poder de punir e de serem punidas, tornando esta prática normal e legítima. “(p. 63).

Um exemplo disto foi uma experiência que tive no dia 13 de setembro de 2010, quando observava uma sala de 5ª série. A primeira aula deste dia foi de ciências, na qual a professora é bem severa com os alunos e o tempo todo se dirige

a eles com certa ironia, com tom de humilhação. Nesta aula, os alunos ficaram em considerável disciplina.

Ao tocar o sinal para mudança de aula, a professora retira-se da sala e que a assume é o professor de geografia. Percebo que os alunos mudam o comportamento:

O professor sem falar com os alunos fecha a porta e passa um texto na lousa. Enquanto isso, os alunos conversam, gritam, correm, batem uns nos outros e cerca de quatro alunos permanecem sentados copiando o texto. O professor termina o texto e senta-se ao meu lado. Em uma tentativa de talvez explicar aquela indisciplina dos alunos, diz que esta é uma realidade das escolas: são muitos alunos nas salas e segundo ele, isso inviabiliza o professor de conseguir dar aula. Disse que em sua opinião, a indisciplina dos alunos muito tem a ver com a postura da direção, pois em outra escola em que dá aula, onde a direção é mais rígida, sempre há alunos suspensos e assim percebe que lá os alunos são mais disciplinados. “Aqui nunca vi um aluno tomar suspensão” diz o professor. (Diário de campo, 13/09/2010).

A escola tende a se proteger da violência que vem de fora se trancando com vários portões e cadeados, muros altos e diversas grades, além de vigilância constante, mas o que esta instituição não percebe é que está contribuindo para a formação da violência no seu interior.

É preciso lembrar que a violência não adentra a escola, ela nasce em seu seio, nas relações que ali estabelecem. Como parte da sociedade, a escola recebe a violência, mas também a gera. A escola atua violentamente, ao impor padrões e normas que, muitas vezes, distancia-se da cultura e do contexto social de seus alunos. A violência por parte da escola evidencia-se nas práticas disciplinares que visam à padronização, à neutralidade das diferenças individuais, conduzindo a submissão e a adaptação. Por meio do processo educativo, exerce-se essa dominação e planificação dos indivíduos, domesticando e reeducando os diferentes, adaptando-os às normas e aos padrões sociais, inibindo-se emoções. Essa uniformização aviva e abrilhanta a violência, visto que a coesão social é dizimada pela homogeneização, estimulando os sobressaltos violentos. (POSSATO, 2010, p. 8).

Foucault em sua obra “Vigiar e Punir”, faz comparações entre as escolas e as prisões e nesta perspectiva, Guimarães (1985) ao citá-lo, define que o importante ao vigiar o aluno é que assim como na prisão, ele sinta-se vigiado.

Percebe-se que esta dominação exercida pela escola através da punição e da vigilância, que foram questões pesquisadas por Foucault (1987) à partir do século XVII, ainda estão presentes nas escolas atuais.

A escola funcionaria como a instituição com o objetivo primeiro de “adestrar” o sujeito, preparando-o para a vida em sociedade. Vigiar, então, passa a ter a função de fabricar indivíduos, a partir de instrumentos relativamente simples: a hierarquia, a norma e o exame. [...] A escola tentava transformar indivíduos, diferia-se da prisão por seus métodos, mas os instrumentos permaneciam os mesmos. (POSSATO, 2010. p. 9).

Todos os métodos de enquadrinhamento utilizados pela escola servirão para produzir indivíduos submissos ao sistema. Toda a rigidez disciplinar será necessária para evitar qualquer tipo de contestação por parte dos alunos, aceitando os limites impostos pela instituição. Sendo assim, os alunos aceitarão a punição sobre eles, considerando como uma prática natural. As exceções serão aqueles que transgredirem as regras, ou seja, aqueles jovens que são objeto deste estudo.

No primeiro dia em que fui à campo, observei muito a estrutura física da mesma e conversei com alguns alunos na hora do intervalo:

A escola é toda cercada de grades, cadeados por toda parte e as portas das salas de aula tem travas de ferro que abrem e fecham apenas pelo lado de dentro. Os próprios alunos brincam com a situação, dizendo que o intervalo é o momento que eles têm para “tomar banho de sol” e na aula de educação física jogam “futebol de cadeia”. (Diário de campo, 30/08/2010.)

Assim, é possível interpretar que a *violência à escola* poderá acontecer como uma reação à *violência da escola* (presente inclusive em sua estrutura física), conforme conceitos trazidos por Charlot (2002), pois se na escola o jovem é submetido e diversas formas de vigilância e punição, este tende a rebelar-se contra a mesma, quando não a aceita.

Guimarães (1985), ao analisar a relação entre vigilância, punição e depredação, percebe que esta relação não acontece em todos os casos e conclui que isto muito tem a ver com a relação do professor com o jovem.

O professor em uma relação mais próxima com o jovem poderá incentivar o diálogo sobre as situações de violência na escola. Segundo Guimarães (1985), “Isto implica que nós educadores, sejamos aliados dos presos, dos loucos, das mulheres, das crianças, ou seja, daqueles que resistem às estratégias do poder e que por isso, foram colocados à margem dele.” (p. 136).

Os jovens reivindicam um tratamento de igualdade entre professores e alunos, ou seja, um relacionamento não hierárquico, porém, “[...] essa relação entre adultos e adolescentes mediada pela escola é um reflexo maior das relações que se estabelecem entre esses jovens e a sociedade em geral.” (SILVA e SALLES, 2010, p. 7).

Para a escola é lançado um desafio: o de ser um espaço privilegiado para o diálogo e a convivência, no qual poderão ser constituídos novos “olhares” a respeito das culturas juvenis e suas diversas reações em relação ao “mundo adulto”.

Neste sentido, o professor que não aceita ser o reproduzidor das relações de poder, pode colaborar para que o ambiente escolar seja mais pacífico, sem ser passivo.

Segundo Guimarães:

Isto implica formar professores que aprendam não a tarefa de homogeneizar pelo enquadrinhamento do tempo, do gesto, das atitudes, mas a arte de lidar com os conflitos (não para suprimi-los, mas para conviver com eles). (GUIMARÃES, 1996, p. 151)

Mais do que isso, conforme aponta a pesquisa da APEOESP:

Uma escola que sabe a que veio que consegue mostrar o valor do conhecimento, despertar a paixão e o interesse do aluno pelas coisas do mundo, que consegue decidir coletivamente seu projeto, é uma escola que terá um eixo, conseguirá resgatar – construir – a autoridade do professor [...] e cumprir com a realização do direito humano à educação. (DIEESE/APEOESP, 2007)

Portanto, não será com vigilância e punição que o considerado problema da violência escolar será resolvido, mesmo porque não se prevê o fim da violência da

escola e sendo assim, a violência à escola também se perpetuará, o que talvez seja necessário, até que estes jovens sejam vistos como sujeitos.

2.1 Sistema de Proteção Escolar

O governo do estado de São Paulo lançou recentemente um documento chamado “Normas Gerais de Conduta Escolar (SEE, 2009a): sistema de proteção escolar” no qual descreve vários deveres dos alunos e métodos punitivos adequados para cada infração cometida pelos mesmos. Este documento é parte integrante do “Sistema de Proteção Escolar” implantado em 2009 pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Logo no início do documento, são colocados alguns direitos deste aluno e o primeiro a ser apresentado é “Direito a educação pública gratuita e de qualidade”.

Percebemos então, analisando a realidade escolar, que este direito ainda não é assegurado integralmente. Como cobrar deveres dos alunos se o Estado não cumpre primeiramente com seu dever?

O documento deixa claro o objetivo de enquadrinhamento dos sujeitos em uma ordem ou padrão estabelecido:

Nesse sentido, é parte fundamental do processo educativo garantir a observância de **regras saudáveis de convivência no ambiente escolar**. Acatar o pacto social vigente – **representado pelo conjunto de normas de conduta estabelecido e socialmente reconhecido** – sustenta o delicado equilíbrio entre desejos, direitos e deveres individuais e coletivos que permeia a convivência social e garante a sobrevivência de uma sociedade democrática e de respeito à cidadania. (SEE, 2009a, p.5).

Continuando a análise sobre este documento, observa-se que os deveres colocados nada mais são que regras de conduta, nas quais o aluno será constantemente vigiado e punido pelo não cumprimento das mesmas.

Cada aluno da escola pública estadual tem os seguintes deveres e responsabilidades:

- 4.1. Frequentar a escola regular e pontualmente, realizando os esforços necessários para progredir nas diversas áreas de sua educação;
- 4.2. Estar preparado para as aulas e manter adequadamente livros e demais materiais escolares de uso pessoal ou comum coletivo;

- 4.3. Observar as disposições vigentes sobre entrada e saída das classes e demais dependências da escola;
- 4.4. Ser respeitoso e cortês para com colegas, diretores, professores, funcionários e colaboradores da escola, independentemente de idade, sexo, raça, cor, credo, religião, origem social, nacionalidade, condição física ou emocional, deficiências, estado civil, orientação sexual ou crenças políticas;
- 4.5. Contribuir para a criação e manutenção de um ambiente de aprendizagem colaborativo e seguro, que garanta o direito de todos os alunos de estudar e aprender;
- 4.6. Abster-se de condutas que neguem, ameacem ou de alguma forma interfiram negativamente no livre exercício dos direitos dos membros da comunidade escolar;
- 4.7. Respeitar e cuidar dos prédios, equipamentos e símbolos escolares, ajudando a preservá-los e respeitando a propriedade alheia, pública ou privada;
- 4.8. Compartilhar com a direção da escola informações sobre questões que possam colocar em risco a saúde, a segurança e o bem-estar da comunidade escolar;
- 4.9. Utilizar meios pacíficos na resolução de conflitos;
- 4.10. Reunir-se sempre de maneira pacífica e respeitando a decisão dos alunos que não desejem participar da reunião;
- 4.11. Ajudar a manter o ambiente escolar livre de bebidas alcoólicas, drogas lícitas e ilícitas, substâncias tóxicas e armas;
- 4.12. Manter pais ou responsáveis legais informados sobre os assuntos escolares, sobretudo sobre o progresso nos estudos, os eventos sociais e educativos previstos ou em andamento, e assegurar que recebam as comunicações a eles encaminhadas pela equipe escolar, devolvendo-as à direção em tempo hábil e com a devida ciência, sempre que for o caso. (SEE, 2009a, p. 9).

No último parágrafo do documento é prevista a “Comunicação às autoridades competentes, dos órgãos de segurança pública, Poder Judiciário e Ministério Público, de crimes cometidos dentro das dependências escolares.” (SEE, 2009a, p. 14).

Essas punições, assim como tantas outras aplicadas nas escolas, não terão o objetivo de acabar com os atos de violência, mas sim distinguir e separar os que cometem as infrações, reforçando as diferenças entre os jovens, uma vez que os classifica. A punição terá muito mais o papel de discriminar comportamentos que castigar, pois “A leitura atenta desses referenciais (...) evidencia o caráter punitivo e controlador dos jovens que não se enquadram aos padrões e normas estabelecidos pelas instituições escolares.” (POSSATO, 2010, p. 2).

Contudo, existe ainda outro referencial que foi lançado conjuntamente com o anterior.

Este deixa mais clara as intenções do Estado e sua visão a respeito do jovem. Trata-se do “Manual de Proteção Escolar e Promoção da Cidadania” (SEE, 2009b).

Segundo análise feita por Possato (2010):

O Manual de Proteção Escolar e Promoção da Cidadania, ao definir conceitualmente o que são crimes, contravenções e atos infracionais, destacam que, os últimos, “são contravenções e crimes cometidos por pessoa com menos de 18 anos” (SEE, 2009a, p. 14). No entanto, ao tratar sobre as contravenções que ocorrem na escola, o texto utiliza o termo crime, reiteradas vezes e apresenta, também, uma lista de “crimes mais comuns na escola” (p.15) que envolvem desde ações de danos, pichações e ameaças, até porte de arma, tráfico de entorpecentes e estupro. Todos tratados com a mesma gravidade. (p.3)

Desta forma, o documento tratará o jovem que transgredir as regras escolares como criminoso, na medida em que considera desde a pichação até o estupro, atos de iguais gravidades.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA,1990), condutas como estas que foram descritas, seriam enquadradas como atos infracionais e não como crime e ainda assim, o termo adequado só pode ser empregado pelo sistema jurídico nacional caso o jovem for julgado e considerado culpado.

A orientação colocada pelo ECA é a de que caso ocorra alguma ocorrência deste tipo, são os órgãos responsáveis que devem interferir, visto que “A escola não é um desses órgãos e nem tão pouco se encontra na área do Direito Criminal.” (Idem, p.3).

Em nenhum momento os documentos consideram a existência de uma violência institucional, uma vez que sua visão é unilateral, ressaltando apenas a violência dos alunos contra a instituição.

Mais uma vez percebemos a tendência em criminalizar o jovem pela desordem, desta vez, em documentos publicados pelo próprio governo, que ao invés de proteger este sujeito conforme previsto no ECA, prioriza as punições.

Estes documentos quando aplicados na escola também retratam a *violência da escola*, citando novamente o conceito de Charlot (2002), uma vez que se baseiam em vigilância e punição, como formas de controle sob o jovem.

3. JUVENTUDE E ESCOLA

Conforme já tratado no capítulo anterior, percebemos que a violência que atinge a sociedade em geral é ainda mais agravante com os jovens brasileiros e quando tratamos de violências que criminalizam, os jovens mais atingidos são meninos negros e das classes subalternas.

Essa violência que é social, histórica e cultural, atinge de forma massiva a instituição escolar que, ao mesmo, tempo contribui na produção de novas situações de violência.

Isto acontece, no caso da escola, quando jovens alunos são criminalizados pelos atos de violência, sem o entendimento dos motivos que os levaram a tal ação.

Neste capítulo, pretende-se explorar ainda mais a relação jovem/escola e através de bibliografias que tratam deste assunto, construir os argumentos.

Esse estudo tornou-se necessário para esse trabalho na medida em que os estudantes, alvo de minhas observações, configuram-se na faixa etária que muitos denominam de adolescência ou juventude. Neste trabalho optei por utilizar o termo juventude que é um referencial vindo das Ciências Sociais.

Durante o tempo em que estive na escola estadual selecionada (quatro meses e meio – agosto, setembro, outubro, novembro até meados de dezembro do ano de 2010), foi observado o cotidiano da instituição que atende o 2º Ciclo do ensino fundamental até o ensino médio.

O objetivo naquele momento era compreender as relações daqueles jovens entre si e com a instituição escolar, no qual tratarei com mais profundamente no próximo capítulo, dedicado as minhas reflexões com base em meu diário de campo e nas entrevistas realizadas.

Saliento que neste texto optei por trabalhar com o termo juventude que é um referencial vindo das Ciências Sociais. Segundo Calligaris (2000), alguns autores utilizam-se do conceito de adolescência como sinônimo do conceito de juventude, no entanto, o que é importante salientar é a compreensão de que seja juventude ou adolescência, esses são conceitos construídos social, histórica e culturalmente e que nomeiam uma fase da vida. Desta forma, é fundamental compreender que não estão circunscritos a uma faixa etária e nem podem ser tomados como uma definição imutável e universal de fases vivenciadas pelos sujeitos, mas que guardam diversidades marcadas pelas condições de classe, etnia e gênero.

Segundo Dayrell (2001), olhar para a escola como sendo uma construção social, significa compreendê-la em seu cotidiano, no qual os sujeitos envolvidos não são meros personagens passivos, mas sim, sujeitos ativos em relações de constante conflito.

Para isso, faz-se necessário identificar o aluno, antes de tudo, como jovem que o é e, portanto, construtor de uma cultura específica, diferente da cultura do professor adulto.

A escola reconhece a categoria aluno, ou seja, aquele que ali está para ser homogeneizado, principalmente através da disciplina, mas não o reconhece como jovem. O aluno é tratado como um ser fragmentado “[...] concebido ou como aluno ou como criança e muito raramente como jovem e aluno.” (CAMACHO, 2004, p. 330).

Faz-se necessário então, compreender que o aluno é acima de tudo, um sujeito social, sendo este jovem ou criança.

A categoria jovem também é uma construção social e, portanto, sofre mudanças conforme o contexto histórico, social, econômico e cultural.

Existem trabalhos que abordam a juventude no plural, falando de juventudes, como este sendo um termo mais coerente para englobar todas as diferenças e complexidades em um termo tão singular, como o termo juventude. Contudo, existem outros que discordam dessa concepção. Ou seja, juventude pode ser compreendida como uma categoria social que abarca a diversidade dos jovens, sujeitos sociais que estão vivendo uma determinada fase da vida.

Para a escola, que compreende apenas a categoria aluno, este é entendido como um ser desprovido de identidade e de direitos e, portanto, não se considera o jovem/sujeito, presente no aluno.

Por sua vez, para o jovem a escola não tem grandes significados. Ele muitas vezes não entende o porquê de estudar certos conteúdos, mas o faz simplesmente com a finalidade de “passar de ano”, construindo assim uma relação utilitarista com a escola.

Nas observações do cotidiano escolar, foi percebido o quanto a escola é desinteressante, quando presenciado, por exemplo, jovens dormindo durante a aula, desenhando em seus cadernos e carteiras enquanto o professor explica o conteúdo, ou até mesmo conversando uns com os outros, sem ter o menor interesse por aquilo que lhes está sendo colocado em aula pelo professor. Tudo isso nos mostra a desarticulação entre a escola e a vida destes jovens.

A escola refere-se ao aluno sem considerar sua diversidade e suas experiências e relações sociais vivenciadas antes e durante sua vivência nesta instituição. O tratamento homogeneizador dado aos jovens alunos, só reafirma as desigualdades e injustiças de suas origens sociais.

Porém, outra forma de compreender seria ver estes jovens como sujeitos socioculturais, ou seja, compreender o jovem aluno na sua diferença, um indivíduo

que possui uma história de vida, na qual fazem parte seus valores, sentimentos, emoções, desejos, etc. “Nesse sentido, a experiência vivida é matéria-prima a partir da qual os jovens articulam sua própria cultura [...].”(DAYRELL, 2001, p. 140).

O jovem quando chega à escola está carregando consigo uma herança educacional, fruto das relações sociais e suas contradições.

São as relações que verdadeiramente educam, isto é, formam, produzem indivíduos em suas realidades singulares e mais profundas. Nenhum indivíduo nasce homem. Portanto, a educação tem um sentido mais amplo, é o processo de produção de homens em um determinado momento histórico... (DAYRELL, 1992 apud DAYRELL, 2001, p. 142).

Feitas estas considerações iniciais, é importante destacar que existem sentidos diferentes empregados à escola pelos diferentes sujeitos que a constituem de forma a não podermos considerá-la como um dado universal. Desta forma a escola é polissêmica, pois seu significado é diferentemente empregado por alunos, professores e funcionários, conseqüentemente por existirem culturas e projetos diversos destes grupos sociais que neste espaço convivem diariamente.

Para os jovens, por exemplo, a escola poderá significar um espaço de encontros, diferentemente dos professores que podem vê-la unicamente como um espaço de ensinamento dos conteúdos curriculares.

Na escola observada, os jovens reuniam-se naturalmente no intervalo, mas também promoviam estes encontros em momentos de aula, dentro da sala com conversas paralelas à aula e fora da sala, quando, por exemplo, pediam para ir ao banheiro e ficavam no pátio e corredores conversando. Porém, se vistos pela inspetora ou coordenadora, certamente seriam colocados para dentro da sala novamente.

Estes diferentes significados, produzidos pelos distintos olhares, de diferentes culturas, provavelmente irão influenciar no comportamento destes jovens bem como

nas relações que se estabelecerão com os diferentes personagens deste espaço escolar.

Dayrell escreve que até mesmo o espaço físico da escola é pensado com um propósito, para que seu significado seja direcionado, posto que “O espaço arquitetônico da escola expressa uma determinada concepção educativa. [...] boa parte da escola é pensada para uma locomoção rápida, contribuindo para a disciplinação.” (DAYRELL, 2001, p. 147).

Foi interessante observar este apontamento do autor explicitado na escola em que estive. O acesso às salas de aula é dado por um único corredor que liga a entrada da escola até o pátio onde se localizam a cantina e as mesas destinadas ao lanche. Abaixo, uma foto que caracteriza um pouco de como é a visão que se tem ao entrar nesta escola:



Mas, por mais que a escola dificulte a concretização do significado que esta tem para os jovens, como um espaço de encontros, eles ainda assim acontecerão mesmo que seja nos curtos espaços de tempo ou em momentos de transgressão.

Na instituição em que foi realizado o trabalho de campo, observou-se o quanto os jovens tentam a todo o momento promover estes encontros, conforme já colocado.

Estes diferentes significados e a não compreensão do jovem como um sujeito de direitos e produtor de cultura, levam ao desentendimento entre professores e alunos, entre escola e jovens.

[...] se apurarmos o olhar, por trás desta aparente obviedade, existe uma dinâmica e complexa rede de relações entre os alunos e destes com os professores, num processo contínuo de acordos, conflitos, construção de imagens e estereótipos, num conjunto de negociações, onde os próprios atores, alunos e professores, parecem não ter consciência da sua dimensão. (DAYRELL, 2001, p. 153).

O papel do jovem como aluno vai sendo construído através das relações vivenciadas, principalmente nas que se estabelecem com os professores e são nestas relações que são produzidas as normas e valores, á partir das quais alunos e turmas são classificados, comparados, hierarquizados, valorizados, desvalorizados e assim, serão identificados o “bom aluno”, “o mau aluno”, “o bagunceiro”, “o esforçado”, etc.

Neste contexto, os jovens poderão ter diversas reações para com o professor, que se constituirão como negação ou afirmação desta imagem que lhes foi colocada.

Estas autoimagens poderão interferir no desempenho escolar da turma e do jovem, tendo consequências também em suas relações sociais extraescolares, uma vez que produzirão subjetividades inferiorizadas ou até mesmo uma identificação com este “agressor” como será discutido mais adiante.

Em meio a tudo isso, o professor não percebe a dimensão das relações que acontecem à sua frente e assim, deixa de potencializar a aprendizagem na dimensão das relações sociais e seus conflitos.

Para o aluno a escola não poderá ter outro sentido, senão um real espaço de encontro, que mesmo não sendo propiciado pela mesma, irá existir de qualquer forma para estes jovens.

Além dos encontros, eles buscarão outros meios para suportar a inutilidade que a escola tem em suas vidas, quando, por exemplo, conversam e fazem brincadeiras durante as aulas.

Para Dayrell (2001):

[...] a escola pode e deve ser um espaço de formação ampla do aluno, que aprofunde o seu processo de humanização, aprimorando as dimensões e habilidades que fazem de cada um de nós seres humanos. (p. 160).

A escola deixou de ter sentido para o jovem, pois não considera sua vida, sua realidade, ou seja, não o vê. O jovem passa despercebido por ela e assim, sua invisibilidade que já existe socialmente perpetua para dentro de seus muros. Conforme já tratado no capítulo anterior, esta invisibilidade poderá levar o jovem a atos de indisciplina e violência.

Em meio a estes conflitos, Antônio Álvaro Zuin, em seu livro “Adoro odiar meu professor”, irá identificar como os sentimentos de “amor e ódio” se estabelecem na relação aluno e professor.

Para o jovem aluno que transgride as regras escolares e desfaz o significado da escola como este sendo unicamente um espaço de ensino, serão necessários métodos avaliativos e punitivos para que este seja a todo o momento capturado para este fim que a escola o impõe, ainda que esta estabeleça para o educando uma relação utilitarista.

Zuin (2008) refere-se à Comênio quando este em “Didática Magna” já declarava a eficácia das punições psicológicas ao invés das punições físicas.

Através de estudos sobre Sócrates como educador, Zuin irá identificar a dimensão emancipatória da ironia formativa e sua gradativa substituição pelo

sarcasmo pedagógico, uma vez que, segundo Zuin (2008) “O professor não precisa mais chamar seu aluno de “burro” na frente dos outros. Basta fazer um comentário jocoso em tom sarcástico.” (p. 6).

Em uma das observações feitas na escola, pode se presenciar diversos exemplos deste chamado sarcasmo pedagógico.

Logo quando cheguei, a professora me apresentou e disse a todos que eu iria observá-los, fazer anotações e passar para ela – entendi isto como sendo uma ameaça aos alunos. Ela pediu para que respondessem algumas questões do livro didático e quando perguntou sobre onde se passava a reportagem lida no livro, um aluno respondeu que se passava na cadeia e a professora logo devolveu a resposta, dizendo que ela não estava falando sobre ele. A turma toda começou a rir. (Diário de campo, 13 de setembro de 2010).

Este jovem era do tipo que sempre procurava chamar a atenção para si com piadas ou dizendo algo para que todos rissem, mas neste dia quem causou os risos foi a professora.

Segundo Zuin (2008), o aluno por medo de ser insultado e humilhado diante de todos os colegas e em busca do elogio por parte do professor, irá se concentrar no conteúdo transmitido para não ser alvo do escárnio sarcástico do professor. Este pensamento talvez tenha aqueles jovens que se sentam nas primeiras carteiras e são rotulados como “CDFs”. Os demais transgridem ainda mais as regras cada vez que são vítimas deste sarcasmo.

Zuin (2008) nos chama a atenção para a eficiência das punições psicológicas, uma vez que estas têm maior duração na mente do aluno, pois sempre os risos sarcásticos de seus colegas irão acompanhar suas ações.

Ele também nos lembra, partindo de Foucault, de que esta mudança das punições físicas para as punições psicológicas começaram a acontecer com a universalização da educação escolar e com estas vieram também o controle

excessivo dos corpos, pois se considerava que um corpo dócil e disciplinado seria também um corpo eficiente.

A distribuição dos objetos em sala de aula facilitaria também o olhar controlador e classificador do professor e assim, otimizaria o tempo de aprendizagem dos conteúdos transmitidos.

As rotulações dadas pelos professores, conforme já citadas anteriormente, como “o mau aluno”, “o bagunceiro” e outros, poderão, por um lado, provocar certa satisfação do jovem em ser destacado pelo professor ainda que seja negativamente, mas por outro poderão causar um mal-estar que o impedirá de se manifestar, pois se deparará com a barreira do rótulo.

Desta forma, o aluno irá desconstruindo a idealização que tivera anteriormente sob a figura do professor.

Zuin (2008) escreve que “[...] Decididamente, os alunos não se aquietam diante de tais punições e revidam fazendo uso das formas que estão ao seu alcance” e segundo Adorno (1986), “Como se sabe, toda pressão estimula uma contrapressão e o aluno se torna desperto para a resistência [...].”(p. 59).

Sendo assim, Zuin nos mostra que o jovem se utilizará do chamado jogo de cena que será um dos principais elementos da vingança adiada.

Num primeiro momento, o aluno se “identifica” com a metodologia “pedagógica” do professor, mas trata-se de uma dissimulação, de um fingimento que se torna complacente com a crença do professor (que ele sabe, no seu íntimo, ser falsa) de que o corpo discente está de fato aprendendo o conteúdo ministrado na sala de aula: é o chamado pacto de mediocridade tacitamente acordado entre os agentes educacionais. (ZUIN, 2008, p. 59-61).

Neste contexto, o jovem poderá passar de vítima para agressor, ou seja, mais cedo ou mais tarde, ele irá vingar-se se identificando com seu agressor ao agredir um colega, por exemplo.

O autor nos traz como exemplo, as aulas trote nas universidades em que alunos veteranos prazerosamente em posição de professor dirigem falsas aulas sarcasticamente aos calouros e reproduzem as ações agressivas em que foram vítimas reais em sala de aula, pois “O agredido, ao personificar os atributos do agressor, poderá posteriormente deixar de ser passivo para ser ativo na imputação da plêiade de manifestações da violência simbólica.” (ZUIN, 2008, p. 72).

Os alunos, cada vez mais não estão conseguindo protelar sua vingança e sempre estão em busca de oportunidades para manifestar sua insatisfação em relação aos professores, sejam eles reais, tais como as pichações, sejam elas virtuais, como no caso dos sites de relacionamento.

Zuin (2008) em sua pesquisa identificou milhares de comunidades no site “Orkut”, relacionadas à temática “professor”. Estas comunidades irão expressar sarcasticamente o que os jovens pensam de seus professores.

Ele nos trás como exemplo comunidades intituladas “Eu tenho um professor F.D. P”, na qual existem milhares de seguidores que através deste meio expõem seus sentimentos, no caso, de absoluto ódio em relação a seus professores.

Para o autor, por trás de todo o sarcasmo presente nestas comunidades, se oculta um desejo de aproximação afetiva do aluno para com o professor, como se pode perceber claramente em uma destas comunidades: “Não temos nada contra nosso professor querido, mas se ele fosse mais humano talvez nós iríamos gostar mais dele!”.

Ao finalizar o texto, Zuin (2008) escreve:

Pois, se o modelo, no caso o professor, é um elemento relevante para a formação da identidade do aluno que se sente instigado a superá-lo, o próprio mestre precisa deixar de aferrar-se ao gosto de sentir-se o centro das atenções e perceber que, ao ensinar, uma parte de si morre para que possa renascer mediada na intervenção do aluno. (p. 112).

Diante das leituras que embasaram estes dois primeiros capítulos deste presente trabalho, partimos agora para o próximo capítulo, no qual será dedicado as observações realizadas na escola estudada, relacionando-as as referências bibliográficas até então trabalhadas.

4. CAPÍTULO III

EPISÓDIOS DO COTIDIANO ESCOLAR

Para tentar entender como a invisibilidade juvenil está presente na instituição escolar e como acontecem às relações conflituosas entre a escola e o jovem, fez-se necessário adentrar em uma escola e observar o que de fato acontecia no real.

Sendo assim, procurei uma escola da rede pública estadual localizada no bairro Matão na cidade de Sumaré, que era conhecida na comunidade como uma escola “ruim”, com baixa qualidade de ensino e alto índice de violência.

Após alguns trâmites burocráticos, fui autorizada pela direção desta instituição a frequentá-la em períodos de aula para então começar minha observação no dia 30 de agosto de 2010. Neste dia optei por observar o período matutino, no qual as aulas tinham início às 7h.

Cheguei à escola por volta das 9h00 e fui encaminhada pela coordenadora pedagógica a uma sala de 1º ano do ensino médio, na qual estava havendo uma aula da disciplina de português. Fui muito bem recebida pela professora, mas os jovens me olharam com certa estranheza.

Observei que a professora tinha grande dificuldade em obter a atenção destes jovens e alguns até ouviam música no celular (com fone) durante a aula.

Com isso, pareceu-me muito clara a indiferença daqueles conteúdos para aqueles estudantes. Como já mencionado anteriormente, há muito tempo que a escola deixou de despertar o interesse do jovem pelos conteúdos por ela apresentados através das disciplinas. Não há aproximação com a realidade do sujeito e isso faz com que a mesma não tenha sentido para ele.

Algumas carteiras estavam pichadas e no momento um jovem desenhava em sua carteira.

Muitos não tinham a apostila da disciplina e apesar da professora os orientar para que copiassem os exercícios no caderno, estes continuavam conversando entre si, sem o menor interesse pela aula.

Irritada com o barulho, a professora diz para que aqueles que estão sem apostila “sumam da sua frente”.

Percebe-se assim, que o ambiente escolar de fato é um espaço tenso tanto para jovens como para professores. A professora esforça-se para dar o conteúdo programado, mas este conteúdo não desperta o menor interesse aos jovens.

A chamada é feita e a professora vai pronunciando o número que cada um representa. Esta é uma das evidências do quando o jovem é desprezado enquanto sujeito dentro da instituição escolar, pois ali ele é tratado como um número.

No intervalo, existe certa calma: muitos se agrupam em rodas de conversa, outros caminham também em grupos pela escola e poucos permanecem sozinhos.

Neste dia alguns jovens se aproximaram de mim e curiosos perguntaram o que eu estava fazendo ali. Respondi para eles que estava observando a escola para realizar um trabalho da faculdade.

Por perceber que eles queriam me contar alguma coisa, perguntei o que achavam daquela escola.

Um deles me respondeu que gostava de lá, mas incomodava-se com o fato de ela parecer com uma prisão: muitas grades e cadeados. Ele me contou que no passado a escola era muito destruída e quem fazia isso eram os próprios jovens que estudavam lá, pois entravam em período extra aula para depredar, roubar e pichar.

Com a reforma da escola, algumas medidas de segurança foram tomadas: a escola hoje é toda cercada de grades e cadeados e as portas das salas tem travas de ferro.

Existem alguns prédios que chegam a se assemelhar com os presídios ao apresentarem altos muros, protegidos com fileiras de arame farpado ou cacos de vidro, grades de proteção nas janelas e fechamentos das áreas de circulação dentro do prédio. (GUIMARÃES, 1985, p. 40).

Os próprios jovens brincam com a situação dizendo que o horário do intervalo é o momento que eles têm para o “banho de sol” e que na aula de educação física é o momento do “futebol de cadeia”, referindo-se ao cotidiano em uma prisão.

Esta percepção dos alunos também foi observada por GUIMARÃES (1985) na escola em que esteve realizando sua pesquisa:

É importante assinalar aqui, as inúmeras referências dos alunos comparando a escola a um presídio: “A escola é uma prisão, só falta colocar um cadeado”; Parece que estamos na penitenciária. Pra sair é coisa mais difícil que tem, pra entrar é a mais fácil”.(p. 99).

Estas observações feitas por estes jovens me inquietaram, pois quando cheguei á esta escola, vendo que não havia depredações e nem pichações, pensei que não iria ser interessante permanecer realizando meu trabalho neste campo. Porém, após esta conversa informal com os jovens, pensei que pudesse ser interessante continuar por lá.

Estando em uma sala de 8ª série do ensino fundamental, com a mesma professora de português que eu já havia acompanhado, os jovens estavam jogando bolinhas de papel e a professora disse que se não parassem ela iria enfiar aquelas bolinhas no nariz de quem estava jogando.

Os jovens se acomodam em suas cadeiras e a pedido da professora iniciam a leitura de um texto que fala sobre gangues e ela pede para que respondam algumas questões sobre o mesmo. Enquanto isso, ela vai vistando os cadernos.

Um grupo de jovens conversa o tempo todo e em alguns momentos também se agridem. A professora tenta contê-los fazendo ameaças do tipo: “Senta aqui perto de mim se não vou jogar água em você!”. Eles riem e tudo continua da mesma forma. Em outro momento ela diz:

_O que vai ser do seu futuro? – dirigindo-se a um dos meninos que conversam.

Neste primeiro dia no campo, pode-se perceber o quanto a escola de fato é desinteressante para os jovens e como este espaço é permeado de tensão e conflito. Professores e jovens vivem em constante embate, como se realmente fossem rivais: jovens desafiam professores e as regras escolares e professores humilham e ameaçam seus alunos com punições muitas vezes sem sentido.

Neste dia também tive clareza sobre qual é a impressão que aqueles jovens têm da escola, ou seja, para eles a escola é como uma prisão.

Esta escola localiza-se em um bairro da periferia de Sumaré como já dito e é bem conhecida por todos os moradores da região. Está próxima a principal avenida do bairro e ao lado está uma igreja católica. O bairro Matão é um subdistrito de Sumaré e, portanto, compreende vários loteamentos.

Contudo, apesar de seu crescimento considerável e seu notável avanço comercial, a população que ali vive é de baixa-renda, existindo favelas em alguns pontos.

Neste sentido, como já vimos no primeiro capítulo deste trabalho, os jovens que moram neste bairro e que frequentam esta escola estudada, convivem diretamente com o tráfico de drogas e com a violência ali presente e isso reflete no interior da instituição escolar. Esta questão foi levantada por Feffermann e discutida já no primeiro capítulo deste trabalho: aquela realidade observada pela pesquisadora na periferia de São Paulo, também pode ser observada na periferia do interior, neste caso, na cidade de Sumaré onde se localiza a escola na qual se realizou o trabalho de campo.

Em uma ocasião, estava sentada em um dos bancos no corredor da escola e observei que havia um grupo de três jovens com idades próximas aos 14 anos que “desfilavam” com armas desenhadas em recortes de papelão. Este poderia ser um reflexo do que aqueles jovens vivenciam na comunidade.

A escola está instalada em um terreno amplo e todo murado. Existe uma quadra de esportes que está em péssimas condições e o restante do terreno está tomado pelo mato, havendo algumas carteiras e cadeiras quebradas jogadas em alguns cantos.

Na parte interna, um corredor largo onde estão as salas de aula. Logo na entrada do corredor estão a secretaria, a coordenação e a direção. Após as salas de aula, temos um pátio onde são realizadas as refeições e onde estão instalados a cantina e os banheiros.

A biblioteca fica em outro bloco do prédio que não é anexo ao prédio principal, onde também estão algumas outras salas de aula.

A escola está bem pintada, os banheiros em boa conservação. O banheiro das meninas é pintado de rosa e tem espelho, assim como o banheiro dos meninos, mas este está pintado de azul.

As portas das salas de aula apresentam trancas de ferro que permitem a abertura apenas pelo lado de dentro. Já nas salas da direção e secretaria, além das travas, existem ainda portões com grades de ferro que são fechados com cadeados e correntes.

Os dois acessos que existem do interior do prédio para o exterior (quadra e portão de saída) são barrados por grades que vão do chão até o teto.

Dentro das salas de aula, algumas janelas estão com os vidros quebrados, mas são poucas.

Com esta descrição, percebe-se que a constituição do espaço físico escolar também pode ser um aparato de contenção e controle, uma vez que os jovens são “presos” dentro da instituição, de forma que eles mesmos reconhecem o controle que está sendo exercido através das grades, correntes e cadeados. Voltando a Charlot (2002), o espaço físico encontrado pode ser uma das formas observadas de *violência da escola*.

Se as depredações acusam os descontentamentos e críticas a toda a instituição escolar, tenta-se impedi-las, exercendo uma vigilância constante sobre o comportamento dos indivíduos e estabelecendo o padrão ideal de atitudes perante a escola, objetivando dessa forma evitar que as indisciplinas se transformem em armas contra as estruturas já estabelecidas. (GUIMARÃES, 1985, p. 42).

Apesar disso, a escola em geral não apresenta marcas de pichações e depredações. Apenas os muros do lado de fora estão pichados.

Como uma escola que era tão conhecida por seus pontos negativos foi me apresentada desta forma, sem pichações, depredações? O que havia acontecido para tal mudança ocorrer? Por que os jovens, a partir desse histórico conhecido da escola e frente o enfado do cotidiano, não se rebelavam mais contra aquele patrimônio público?

Mas, este momento era dedicado apenas à observação e assim continuaram as visitas à escola.

Voltei à instituição no dia 10 de setembro de 2010. Cheguei à escola por volta das 9 horas e não entrei em nenhuma sala.

Percebi que uma menina saiu de uma das salas e como ela estava um tanto eufórica, fui perguntar o que havia ocorrido. A jovem me contou que havia sido expulsa da sala por ter dito a professora de inglês que não havia entendido o exercício e então, ao invés de explicar a professora entregou um dicionário para ela. Segundo ela, a mesma disse para a professora que era obrigação da dela explicar o

exercício e então a professora se irritou e elas começaram a discutir o que acarretou a saída da menina para fora da sala.

Entrei na mesma sala de 8ª série que havia acompanhado da última vez que estive na escola. Os jovens estavam tendo aula de português e o professor escreve na lousa e os alunos copiam, porém meio uma cópia e outra, fazem diversas brincadeiras, conversam e falam palavrões. O professor diz para os jovens “calarem a boca” para que ele consiga explicar o conteúdo.

Ele recebe um abaixo assinado entregue pela coordenadora pedagógica, no qual pedia a construção de uma zeladoria na escola para trazer uma maior segurança para a mesma. Pede para que os jovens e eu assinemos.

Mesmo com aquela aparente calma, este momento revelou que existiam alguns problemas de violência que rondavam a escola ou que talvez estivessem dentro dela e que, portanto haveria a necessidade de solicitar um zelador.

Voltou-se a esta questão quando fomos entrevistar este mesmo professor:

Entrevistador: Em um dos dias que observei a sua aula, foi passado um abaixo assinado pedindo um zelador para a escola. Porque existe esta necessidade? Acontecem muitos roubos?

Prof. P: O que acontece, nós somos vítimas sim de constantes assaltos, tanto que você viu que nós não temos a sala de informática. A sala de informática foi roubada se não me engano três vezes, e inclusive uma das vezes foi um roubo absurdo, roubaram os 15 computadores, monitor, teclado, mouse, e todos os acessórios, foi retirado como se estivesse feito uma mudança. Não ficou um fio na tomada! Então, isso significa que foi um grupo bem organizado, é devem ter vindo de caminhão, porque levar tudo aquilo dentro de um carro é impossível e fazer todo este trabalho geralmente quem entra para um roubo entra preocupado e rouba mais o que está à mão, mais fácil de carregar e eles tiveram a preocupação de limpar a sala toda. Tiveram tempo e a tranquilidade de fazer isso. Então, a presença do zelador ela não vai proibir isso, mas quando a gente tem um zelador que interage com a comunidade, ele pode, por exemplo, nós temos o exemplo do...V, o V não é daqui da escola, ele trabalha aqui, mas ele é zelador do “O”(referindo-se a outra escola). O que ele faz no final de semana, ele abre o portão estacionamento, deixa o portão aberto, o pessoal tem livre acesso à quadra, pode jogar bola, pode jogar vôlei, pode usar o espaço da escola. Tanto os garotos da escola como a comunidade, acabam valorizando isso e respeitando mais a escola. Praticamente você zera o vandalismo, eles não querem quebrar, não querem destruir porque é um espaço que eles estão tendo acesso e eles acabam valorizando. Se nós tivéssemos um zelador, nós poderíamos ter essas ações aqui nos sábados e nos domingos. Não precisa às vezes nem ter um monitor. Ter pessoa que

venha e faça uma requisição assim pessoal para a direção: “Eu vou assumir esta responsabilidade e venho aqui em tal período usar o espaço desta escola” a escola consente, tem uma pessoa responsável, não preciso por um guarda, não preciso por uma pessoa...um monitor ali pra tomar conta, a própria comunidade vai cuidar e os alunos sabendo que eles tem esta certa liberdade, eles acabam respeitando e estragando menos este espaço que acaba sendo deles integralmente, essa consciência que eles não tem. Então, a zeladoria melhoraria. Eu acho que seria uma mudança radical. Você pode até conversar com o diretor do “O” (refere-se novamente a outra escola), eles não tem casos de roubos, de invasão, eles não tem casos nem de quebra de vidro de sala, nada disso e a escola fica aberta, o “V” abre no sábado de manhã e abre no domingo e se tem alguma coisa lá a própria comunidade dá um jeito de resolver.

Entrevistador: A comunidade acaba também sendo responsável por cuidar desse espaço, né?!

Prof. P: Isso, e com o zelador presente ele fica ali, ele é uma autoridade ali dentro, ele resolve algum conflito que acontecer, mas eles sabem que eles têm essa liberdade para usar este espaço que na verdade é deles né, só que é fechado aos finais de semana.

No dia 13 de setembro de 2010 volto à instituição, mas desta vez no período vespertino. Entro em uma sala de 5ª série e a aula é de ciências. Logo que entrei a professora me apresentou para aqueles jovens e disse que eu iria observá-los, fazer anotações e passar para ela. Percebi que isso foi uma ameaça para aqueles jovens, como se eu estivesse ali para vigiá-los.

Conforme mencionado no capítulo anterior, a professora pediu para que respondessem algumas questões do livro didático e quando perguntou sobre onde se passava a reportagem lida no livro, um jovem respondeu dizendo que se passava na cadeia e a professora retrucou - em sarcasmo pedagógico conforme aponta Zuin (2008) - dizendo que não estava falando sobre ele e todos riram.

Quando a professora iniciou a chamada, um jovem a lembrou que haviam se esquecido de fazer a oração antes de iniciar a aula e então, ao terminar a chamada a professora pediu para que ficassem em pé e fizessem a oração. Ela continuou sentada.

Deparei-me com esta situação: em uma instituição pública que deveria ser laica, incentiva o uso da oração como uma forma de conter as transgressões.

A próxima aula era de geografia e os jovens agem com maior indisciplina. O professor sem falar com eles fecha a porta e começa a passar um texto na lousa e enquanto isso, os jovens conversam, gritam, correm, batem uns nos outros.

O professor termina o texto, senta ao meu lado e tentando talvez justificar a indisciplina dos alunos, diz que esta é a realidade das escolas: muitos alunos em sala de modo que os professores não conseguem explicar a matéria.

Diz também que isto acontece por conta do contexto social em que vivem: os professores não conseguem competir com o atrativo dos celulares. Contou-me que em sua opinião, isto tem muito a ver com a postura da direção, pois ele dá aula em uma escola, na qual a direção é mais rígida, sempre suspende os alunos e por isso, percebe que lá os alunos são mais disciplinados.

Outra vez, conversando com a inspetora da escola, ela me disse que esta indisciplina dos alunos deve-se ao fato de não existir mais reprova. Segundo ela, se os alunos pudessem ser reprovados, levariam mais a sério as aulas.

Analisando estas falas, tanto do professor, como da inspetora, percebemos o quanto aquelas pessoas tendem defender a punição. Acreditam que só com punição o problema da indisciplina e por que não da violência serão resolvidos.

Outro fato interessante observado nesta escola é que existem vários murais confeccionados pelos próprios jovens. Nestes murais, uns podem escrever recados para outros.

Quando foi iniciada a observação, contaram-me que aqueles murais estavam ali por conta das comemorações do dia dos namorados, mas depois de tanto tempo passado a data, ver que eles ainda permanecem e são renovados quando estão totalmente preenchidos, fez me pensar que talvez estes estejam ali como uma medida para evitar as pichações.

Observou-se também que na camiseta (uniforme) da escola tem estampado o nome da instituição, uma pomba e o escrito “paz”.

Diante de algumas inquietações e algumas simbologias que não poderiam estar ali por acaso, houve a necessidade de fazer entrevistas com algumas pessoas que poderiam ser interessantes, pois auxiliariam no entendimento da transformação ocorrida naquela escola.

Então, foram chamados dois professores e a secretária que segundo informações estavam naquela escola há bastante tempo e que por isso, teriam presenciado a transição que eu buscava investigar.

Na primeira entrevista realizada com o Professor P no mês de novembro do ano de 2010, ele me revelou algo muito interessante, quando lhe perguntei sobre o que havia acontecido naquela escola para ela estar tão mudada:

Professor P: Às vezes não adianta a gente investir no prédio, tem que investir primeiro nas pessoas. Porque não adianta, você pode dar um prédio bonito para um pessoal que não sabe usar e eles vão destruir rapidinho. [...] O aluno precisa ser trabalhado, primeiro com a consideração de valorizar o espaço que ele tem que não era o que acontecia. Então, existiam algumas pessoas, algumas turminhas assim, que queriam marcar aqui como território deles, então acabavam dominando: era bomba no banheiro, explosão de vaso... e o que ficava muito marcante, era a impunidade. Como eles sabiam “eu vou quebrar e não vai acontecer nada, não tem nenhuma consequência disso, eu não preciso me preocupar”. Então, a partir do momento em que nós começamos a trabalhar a consciência não só dos que praticavam, mas da escola inteira é que houve uma mudança de postura, eles passaram a preservar.

Esta fala me revelou que além da reforma física ocorrida na escola, algo mais havia acontecido e isto tinha relação com um trabalho desenvolvido com aqueles jovens. Outro fato que chama a atenção é a ameaça e conscientização do aluno de que ele será punido caso aconteça alguma transgressão de regra.

Assim como na fala daquele professor de geografia, na qual ele diz que esta escola é pouco rígida com seus jovens e por isso eles são tão indisciplinados, o professor entrevistado também revelou sua defesa as punições.

Porém, em outro momento da entrevista o professor diz que as depredações e pichações, ou seja, a violência praticada contra o patrimônio, muito tem a ver com a postura da escola frente ao jovem:

O aluno às vezes joga um papel, joga... aquelas bolinhas de papel faz alguma coisa agredindo o professor, mas essas agressões elas são na verdade fruto de alguma coisa que o professor mesmo despertou. Como eu falei pra você, muitos alunos aqui são tratados com violência em casa, eles sofrem discriminação dentro de casa mesmo, eles tem um tratamento por parte às vezes de pais, de avôs, de irmãos, é violento, eles estão acostumados a serem xingados a todo o momento e se o professor for mais um simplesmente ele irá igualar o respeito com os demais. (Entrevista realizada no mês de novembro de 2010)

Em sua obra “Vigilância, punição e depredação”, Guimarães (1985) trabalha com esta problemática de que o caráter repressivo da escola é que provoca as depredações por parte dos alunos e isto é constatado pelo professor P em seu relato.

Para que estas ações de violência não ocorressem mais, segundo os professores entrevistados, foram necessárias algumas medidas, antes mesmo de se realizar a reforma do prédio.

Segundo os relatos, professores, funcionários e toda a direção e coordenação da escola tiveram que trabalhar em conjunto.

Algumas reuniões foram feitas e aconteceu também o envolvimento da comunidade:

Foi feito essa reunião com a comunidade, com o representante da guarda municipal, veio também uma representante, uma pessoa da PM que eles atenderam prontamente, os pais que eram envolvidos com a escola, não só aqueles que fazem parte do conselho, mas os pais realmente envolvidos e interessados, eles vieram. (Entrevista com professor P em dezembro de 2010).

Foram realizadas discussões nas salas de aula, projetos interdisciplinares e também trouxeram “igrejas” para dentro da escola.

Então, em 2004 a gente começou este trabalho e teve apoio bastante da comunidade, das igrejas. É como eu falei para você, este canto, que ocorria era uma vez por semana, vinha um grupo da igreja católica, trazia um violão, trazia um monte de coisa, eles entravam e cantavam por 10, 15 minutos em cada sala. Os alunos até ficavam esperando aquela semana. E

na outra semana, um grupo de igreja cristã, eles vinham fazer uma apresentação de coral, cantavam, falavam um pouco de Deus, de maneira imparcial, sem divulgar religião, faziam uma apresentação e eles adoravam. (Entrevista com professor P em dezembro de 2010).

O símbolo de todo este projeto em prol de uma imagem mais positiva desta escola ficou sendo a pomba que compõe a bandeira da escola e o uniforme.

O símbolo da escola, aquela pomba, ela foi realmente criada com o propósito de enfatizar esta ideia de paz, então, ele não foi colocado por um acaso. Foi pensado, foi tomada uma decisão em conjunto. (Entrevista professor P em dezembro de 2010).

Quanto à reforma do prédio, segundo relato do Professor C, esta também foi realizada com a ajuda dos jovens desta escola, como uma forma de retribuição a tudo o que haviam causado (Ver fotos abaixo):

Professor C: Essa ideia surgiu das gestões que passou por aqui no período de 2000, 2001 e 2002, aonde, realmente, quando eu cheguei aqui à escola era totalmente depredada, nenhum vidro inteiro, as paredes todas pichadas, carteiras quebradas, dentro das salas de aula... pichação, né? Então, foi feito um trabalho de conscientização dos alunos pra que se mudasse isso. Então, diretores chamavam os alunos voluntários para que viesse ajudar a pintar novamente a escola, fazer uma repintura, a escola no longo destes anos passou por várias repinturas, no momento que ela está hoje, também surgiu uma repintura no início do ano, sempre de ano a ano faz a conservação, né, e a conscientização dos alunos em cima da conservação do patrimônio, que seriam benéficos para eles. (Entrevista com professor C realizada em dezembro de 2010).

Sobre a execução da reforma ele diz:

Professor C: Então, na época mais crítica, nos envolvemos principalmente aqueles alunos que tinham um perfil da bagunça, que gostavam de bagunçar, de não frequentar corretamente as aulas, para que esses alunos ajudassem a olhar, ajudassem a depois a preservar, limpar, pintar, então, traríamos estes alunos, em alguns momentos, aos finais de semana, ou em algum momento que ficasse sem aula, pra ajudar, pra ele ver a dificuldade que era, às vezes, ficar pintando uma parede, para que ele se conscientizasse e não fazer mais aquilo, né... não como castigo, né... e também não era obrigatório ele participar. Ele participava porque ele queria, foi uma sugestão que foi lançada a ele e... que deu efeito. E mais uma vez frisando, que os professores todos começaram a trabalhar em cima disso, alguns projetos, algumas manifestações culturais, até mesmo da pichação, né, então, do grafite, trouxemos grafiteiros para explicar para eles o porquê do grafite, qual a importância, mas grafite profissional, não a pichação simplesmente como ato do vandalismo. (Entrevista realizada com professor C em dezembro de 2010).

Imagens cedidas pela instituição: Jovens ajudando na reforma da escola.







Apesar destes trabalhos que foram realizados e a entrada da “igreja” e até mesmo da polícia militar na escola, como nos mostra o relato, as transgressões continuaram ocorrendo, ainda que em menor intensidade.

Quando entrei na escola e observei aquela aparente passividade, pensei em desistir deste campo e ir para outro, como já colocado anteriormente, pois o que se buscava era uma escola depredada, pichada, com jovens com atitudes de contestação e o que encontrei a princípio foi o oposto.

Mas com alguns dias de observação pude perceber que havia jovens que ainda resistiam a todo aquele aparato de contenção.

A menina que é expulsa da sala de aula por contestar a professora ou aqueles meninos que comparam a escola a uma prisão, são exemplos.

Aqueles jovens da 5ª série que ignoram a presença do professor de geografia, quando fizeram da aula um momento de recreio, se tivessem presenciado o contrário, ou seja, se o professor considerasse aqueles jovens como sujeitos que são, e não ignorado cada um deles ao iniciar sua aula, talvez àquela reação por parte dos jovens fosse diferente.

Porém, a visão que as pessoas que lá trabalham têm desta escola, é que de fato tudo mudou, como se tudo estivesse em total harmonia, assim como a percebi quando adentrei no dia 30 de agosto de 2010.

Entrevistadora: O que você percebe que mudou na escola?

Secretária: Mudou o comportamento dos alunos, né?! Completamente! Não são mais rebeldes como eram, que um pouquinho que a gente saia daqui, eles entravam aqui pra roubar. Era! A gente chegava tava tudo pichado! Quantas vezes eu cheguei aqui e essa escola toda pichada. Hoje não existe mais isso! Totalmente diferente! Não tem mais pichação! Você pode ver na escola. Uma vez eles picharam a frente lá todinha, tinha pintado bonitinho. Picharam tudo! Nossa! Foi uma tristeza! [...] Agora, que o alunado tá bem mais disciplinado, na nossa escola, ah isso tá sim! Que a gente via coisa aí que a gente não vê mais, né?! Graças a Deus, né?! Melhorou bem! (Entrevista realizada com dona V em dezembro de 2010).

A violência à escola está lá para dizer-nos algo e acredito que por mais que tentem conter, existirão, ainda que poucos aqueles que contestarão as regras.

O que precisa ser feito é dar visibilidade a estes jovens, ou seja, entender que assim como nos coloca Camacho (2004) quando escreve que “o reconhecimento da condição de jovem precede a condição de aluno” é assim que devemos olhar para estes, vê-los antes de tudo como sujeitos.

Guimarães (1996) nos indica que nós professores devemos aprender a lidar com estes conflitos. Acrescento que estes precisam existir para que a “construção” de uma escola menos repressora aconteça.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o aluno não é reconhecido como jovem que é, ou seja, não se considera sua singularidade e suas especificidades de sujeito que está constituindo sua identidade, os conflitos no espaço escolar tendem a se agravar.

Falamos em juventude e sendo assim, percebemos o quanto é complexa a infinidade de valores, costumes e comportamentos que estão engendrados nos diferentes grupos juvenis.

Neste contexto, a escola que não considera estas peculiaridades, torna-se sem sentido para o jovem e, portanto, passa a ser um espaço que só tem significado quando serve como ponto de encontros.

Contudo, para garantir sua função social de formar cidadãos, a escola recorre a algumas ações para “prender” o jovem a esta instituição. As avaliações, as regras e as punições serão mecanismos para que a utilidade da mesma seja garantida perante o jovem e para que esta instituição sobreviva.

Dentre os impactos que esta visão míope da escola – que não vê o jovem que há para além do aluno – pode causar estão a ruptura da comunicação entre as diferentes gerações e a dificuldade da construção da identificação dos jovens alunos com a instituição escolar. (CAMACHO, 2004, p. 340).

Conforme nos aponta Charlot (2002), esta seria a chamada “violência da escola”, ou seja, aquela violência que é praticada pela instituição contra o jovem e que se caracteriza também por ser uma violência institucional e simbólica.

Percebemos então, o quanto o conceito de visibilidade social trazido por Soares (2004) e discutido no primeiro capítulo deste trabalho também está presente na escola, pois assim como acontece com o jovem que, muitas vezes, participa do tráfico de drogas para adquirir visibilidade, o jovem na escola poderá recorrer a atitudes de violência contra a instituição que muitas vezes se expressarão nas depredações e agressões verbais e físicas.

Estas ações seriam um chamado ao reconhecimento deste sujeito que quer tornar-se visível em seu meio, ainda que seja de uma forma considerada negativa. Contudo, isto só contribui para que este seja sempre criminalizado, isto é, seja sempre considerado o grande responsável por toda desordem social.

[...] O reconhecimento de que a condição de jovem precede a condição de aluno e de que ambas estão intimamente ligadas poderia ser o primeiro passo a ser dado pela escola em direção a visibilidade da juventude no espaço escolar e a transformação de seus alunos em jovens alunos. (CAMACHO, 2004, p. 340).

Diante do que foi apresentado, percebemos que a “violência à escola”, também conceituada por Charlot (2002) como aquela violência praticada pelo jovem contra a instituição escolar, poderia ter duas interpretações: uma primeira que expõe a ideia de que a violência pode ser uma resposta em busca da visibilidade, em busca de se fazer notar pelo professor, pela escola e uma segunda que considera a violência à escola também como uma resposta a tantos atos violentos sofridos no cotidiano escolar.

Neste trabalho, procurou-se revelar uma percepção contrária àquela propagada pelo senso comum, ou seja, compreendo, a partir deste estudo, que o jovem é mais a vítima que protagonista das ações de violência, sendo estas tanto no âmbito macro (sociedade), quanto micro (escola).

Até quando vamos exaltar ações de extermínio, quando, por exemplo, a mídia nos mostra jovens fugindo do “Complexo do Alemão” e sendo perseguidos por policiais do BOP? Ou ainda, acreditar que a redução da maioria penal será a solução para a problemática da violência em nosso país?

Na escola o jovem também é criminalizado quando quebra, picha ou desacata o professor e o que observamos são medidas que levam a punições acima de qualquer tentativa de diálogo ou entendimento.

Que bom que ainda temos jovens de coragem! Jovens que tem a ousadia de questionar este aparelho repressor que é o Estado, de transgredir suas regras e leis.

Jovens que contestam que “gritam” por atenção e reconhecimento de sua identidade enquanto jovem que o é.

Infelizmente prevalece na segurança pública a lógica de guerra e, portanto, sempre iremos observar jovens sendo mortos, tanto em homicídios como em seus projetos de vida.

Para tanto, faz-se necessário que professores olhem para seus alunos e vejam neles jovens, ou seja, sujeitos de direitos que estão construindo sua identidade tendo como referência o olhar do outro, que também se faz no olhar do professor.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. – 3. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. A invisibilidade da juventude na vida escolar. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, nº 02, p. 325-343, jul/dez. 2004. Disponível em:http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2004_02/05_artigo_luiza_camacho.pdf. Acesso realizado em 01/05/2011.

CALLIGARIS, Contardo. *A Adolescência*. SP: PubliFolha, 2000.

CHARLOT, Bernard. *A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão*. Porto Alegre, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>

DAYRELL, Juarez. *A escola como espaço sócio-cultural*. In *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte, UFMG, 1996.

FEFFERMANN, Marisa. *Vidas arriscadas: o cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GUIMARÃES, Áurea M. *Vigilância, punição e depredação escolar*. Campinas, SP: Papyrus, 1985.

_____. *A Dinâmica da violência escolar: conflito e ambiguidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

_____. *Jovens, os tutores da desordem e da violência?* In *Cotidiano Escolar: Emergência e Invenção*. Piracicaba, SP: Jacintha, 2007.

KEHL, Maria Rita. *A juventude como sintoma da cultura*. In *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

LUCAS, Peter. Pequeno relato sobre a cultura da violência no sistema escolar público em Nova York. In Contemporaneidade e Educação. Rio de Janeiro: IEC, Ano II, nº 2, 1997.

SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e Violência no Brasil contemporâneo. In Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

PERALVA, Angelina. Escola e violência nas periferias urbanas francesas. In Contemporaneidade e Educação. Rio de Janeiro: IEC, Ano II, nº 2, 1997.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Juventude, Violência e Políticas Públicas. Revista Espaço Acadêmico, nº 75 – Agosto/2007 – Mensal/Ano VII. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/075/75pimenta.htm>

POSSATO, Beatris Cristina. O jovem no contexto do sistema de proteção escolar In Seminário grupo Violar “As Juventudes na Contemporaneidade”. Faculdade de Educação – Unicamp, 2010.

SÃO PAULO. Normas Gerais de Conduta Escolar: Sistema de Proteção Escolar. SP: Secretaria da Educação, 2009. Disponível em: http://www.fde.sp.gov.br/Arquivo/normas_gerais_conduta_web.pdf

SÃO PAULO. Manual de Proteção Escolar e Promoção da Cidadania. SP: Secretaria da Educação, 2009. Disponível em: http://www.fde.sp.gov.br/Arquivo/protecao_escolar_web.pdf. Acesso realizado em: 19/06/2011.

SILVA, Joyce Mary Adam de Paula. SALLES, Leila Maria Ferreira. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. In Seminário grupo Violar “As juventudes na contemporaneidade”. Faculdade de Educação – Unicamp, 2010.

TURA, Maria de Lourdes Rangel. A observação do cotidiano escolar. In Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. Mapa da Violência IV. Brasília: UNESCO, 2004. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000080.pdf>

WASELFISZ, Júlio Jacobo. Mapa da Violência 2011: Os jovens do Brasil. Instituto Sangari, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.sangari.com/mapadaviolencia/pdf2011/MapaViolencia2011.pdf>

ZUIN, Antônio A. S. Adoro odiar meu professor: o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico - Polêmicas do nosso tempo. Autores Associados. Campinas, SP, 2008.

Cidades

Albano Mendes/SP, Cláudio Lima, Jorge Wladimir, Manoel Moraes, Tadeu Alves/Redação/CP

Seguimento de postar, críticas e alegias. cp@correio.com.br ou pelo 3172-8002 e 3172-8002

Assinamento em português. 3172-3300 ou pelo e-mail cp@cp.com.br

Pesquisa mostra que essa é a situação que mais provoca "sofrimento no ambiente de trabalho", mas, apesar dos efeitos emocionais e até no desempenho em sala, medo faz que muitos evitem

EDUCAÇÃO II NO LIMITE

Violência contra professor faz parte da rotina escolar



Professor agredido por mãe de aluno em escola estadual em Curitiba. Gráfico: trauma e medo afetaram seu desempenho em sala de aula

Para saber mais
acesse cp.com.br
ou cp@correio.com.br
ou www.correio.com.br

Uma noite basta para estar aterrorizado para quem trabalha. Luciano Loyola, de 23 anos — não confesso, segundo a polícia —, necessitou voltar para casa com uma facada e professor de educação física Renato Vitalino Castro-Correa, de 23, dentro de uma universidade particular do Rio de Janeiro (MCC), na semana passada. Em Curitiba, no último mês de julho, também professor de educação física ERL, de 44 anos, foi agredido com um soco, depois de uma longa reunião pela mãe de uma aluna. O motivo: um par de sandálios. "Não reagiu e não ficou machucado. De um DC (diagnóstico de agressão) a outra professora disse: 'ela não tem essas condições que a violência tem feito parte da rotina nas escolas e isso é medo é um trauma cada vez mais conhecido nas salas de aula'.

Educadores buscam remédios e terapia para suportar estresse

Tapes no rosto, mentadas com fitas ou fitas, uso de óleo essencial e até sessões de meditação são algumas das estratégias que muitos usam a fim de lidar com a violência. Sob a proteção do pai, alguns e, em muitos casos, da família, os professores de educação buscam por ajuda médica e psicológica para suportar o estresse. "O psicológico fica afetado com uma situação como essa. Não colocamos em terra nenhuma do gênero: sei que devo cuidar de mim mesmo", diz uma professora de Ensino Médio em Curitiba.

Ela, que não quer ser identificada com medo de consequências ainda mais graves, já que foi vítima de uma "violência de criança", como definiu a diretora da escola. Um aluno de 10 anos adicionou um alívio à sua jornada de luta. "Eu poderia sofrer algum acidente se fosse vítima de um acidente de trânsito. Como não tenho condições de coordenação de escola, chamei a polícia para fazer um BIP, coisa. Na delegacia, além da presença de polícia, foi realizada a intervenção pelo pai do aluno.

Uma pesquisa recente realizada pelo diretor do Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo (Aposp), em conjunto com o Departamento Estadual de Estatística e Informações Socioeconômicas (Disea), aponta 67,8% de professores de nível médio em São Paulo, mas cresceu para 72,4% do total — que participaram do 2º Congresso da Aposp, ocorrido em setembro. O levantamento mostrou que, para 57,5% dos entrevistados, a violência nas escolas é a situação que mais provoca "sofrimento no ambiente de trabalho".

O mesmo estudo, que não pode ser considerado como um

67,8
POR CENTO

Das professoras civis que mais sofrem violência física em sala de aula

48,5
POR CENTO

Das professoras civis que mais sofrem violência psicológica em sala de aula

maior profissional pode estar sofrendo para poder se livrar das mais diversas formas de violência, em seguida, se recusam a voltar para a escola onde sofreram a agressão ou até mesmo de dar aulas em qualquer outro local. Muitos reclamam por não receber qualquer apoio do Estado depois de ocorrência grave. Na Associação de Aposp/Disea, pouco mais de 40% das entrevistadas disseram sentir, frequentemente, cansaço, estresse, frustração, culpa e preocupação com a situação de violência em sala de aula.

Os dados que integram o levantamento foram coletados em 2011 em São Paulo, mas cresceu para 72,4% do total — que participaram do 2º Congresso da Aposp, ocorrido em setembro. O levantamento mostrou que, para 57,5% dos entrevistados, a violência nas escolas é a situação que mais provoca "sofrimento no ambiente de trabalho".

O mesmo estudo, que não pode ser considerado como um

dentro das escolas o risco de algo pior acontecer do lado de fora. A pesquisa Nacional de Trauma e Condição de Saúde Mental e Condição de Saúde Física, realizada em 2008 com 2.517 alunos e 1.320 professores de 86 escolas do Distrito Federal (DF), mostra que, para os alunos, o medo de sofrer violência em sala de aula é de 77,3%. Para os professores, o medo de sofrer violência em sala de aula é de 72,4%. A incidência de violência em sala de aula é de 77,3%. Para os professores, o medo de sofrer violência em sala de aula é de 72,4%.

Os dados que integram o levantamento foram coletados em 2011 em São Paulo, mas cresceu para 72,4% do total — que participaram do 2º Congresso da Aposp, ocorrido em setembro. O levantamento mostrou que, para 57,5% dos entrevistados, a violência nas escolas é a situação que mais provoca "sofrimento no ambiente de trabalho".

O mesmo estudo, que não pode ser considerado como um

"É preciso ver os dois lados da medalha; no campo das vítimas e culpados"

MIRIAM ABRAMOVY
Socióloga e professora que coordena o curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Paraná

Em 2008, Miriam realizou, ao lado das professoras Miriam Moraes e Lídia Elina e Priscila Pinto Cabal, a pesquisa Nacional de Trauma, Condição de Saúde Mental e Condição de Saúde Física, realizada em 2008 com 2.517 alunos e 1.320 professores de 86 escolas públicas do Distrito Federal, 56 do Estado de São Paulo e 28 do Estado de Mato Grosso do Sul. Foram analisados também 215 relatos de violência — incluindo, principalmente, sobre violência e constrangimento escolar — feitos pelos estudantes.

O levantamento mostrou, por exemplo, que 54,8% dos professores civis também foram vítimas de violência física em sala de aula. (JG/AA/MS)

Socióloga defende política pública para resolver conflitos

A socióloga e professora Miriam Abramovky, coordenadora do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Brasília (DF), defende que as relações entre professor e aluno são fundamentalmente educativas, mas, de acordo com ela, isso também ocorre por que as escolas, e os professores, estão sendo afetados ao que vem da rua, à cultura trazida pelos jovens, e suas novas identidades.

"Essa (as instituições) que tem um bom, realmente, levar a fazer isso para dentro da escola e da professora tem uma política pública preparada para lidar com isso. Muitas pessoas, inclusive a imprensa, sempre vão para o lado de criminalizar o professor, o diretor, mas eu acho que também não criminalizar os alunos e escolas. Então, política pública. Muitos professores têm valores negativos dos jovens, que não são apenas, mas também são positivos, mas acho que não se pode dar crédito na vida", critica Miriam. "A recomendação de resolver essas questões das relações sociais dentro da escola deve ser encarada como uma política pública. Enquanto isso não ocorre, nada será mudado de fato", diz.

Para a socióloga, a escola se democratizou nos últimos anos e não se prepara para receber um novo perfil da população. "O perfil mudou também o que o aluno quer e precisa. Precisamos lidar com a cultura escolar que os pais e a comunidade em geral aproximaram da escola. Muitas vezes, é claro que, às vezes, surgem divergências com a cultura, mas isso não é o mesmo", afirma Miriam.

Ela lembra que, em Brasília, cerca de 1,5 mil professores foram em curso de dois anos sobre temas ligados à realidade do dia a dia escolar. "Essa interação sobre violência, racismo, homofobia, é muito importante abordar essas questões e foi preciso um curso para isso. Na cidade de Natal e Ceará, no Rio de Janeiro, aconteceu de entrar em contato, quando possível, com a realidade", diz a socióloga de Brasília.

Violência e agressão
Em 2008, Miriam realizou, ao lado das professoras Miriam Moraes e Lídia Elina e Priscila Pinto Cabal, a pesquisa Nacional de Trauma, Condição de Saúde Mental e Condição de Saúde Física, realizada em 2008 com 2.517 alunos e 1.320 professores de 86 escolas públicas do Distrito Federal, 56 do Estado de São Paulo e 28 do Estado de Mato Grosso do Sul. Foram analisados também 215 relatos de violência — incluindo, principalmente, sobre violência e constrangimento escolar — feitos pelos estudantes.

O levantamento mostrou, por exemplo, que 54,8% dos professores civis também foram vítimas de violência física em sala de aula. (JG/AA/MS)

7.2 Anexo 2: Transcrição das entrevistas (Novembro e Dezembro/2010)

Entrevista Prof. P (Nov. 2010)

Entrevistador: Bem, resolvi procurar o professor para essa entrevista, porque a escola me informou que você é o professor que está aqui há mais tempo e, portanto, imagino que você conheça a escola mais que os outros professores.

Prof. P: Na verdade, eu fui aluno daqui (escola), eu fui...nossa! Eu fui...eu sou aluno da primeira turma que se formou no ensino médio aqui. O ensino médio no “W” (referindo-se ao nome da escola) existe por causa da minha teima, eu e mais uns trinta alunos, por conta de que, nós fizemos um abaixo assinado, nós mobilizamos o bairro, nós cobramos a diretoria de ensino, e eles não queriam o ensino médio e não queriam o ensino noturno. Então, ele resolveu abrir uma exceção á partir do momento que nós pressionamos. Então, nós da oitava passamos a primeiro, segundo e terceiro, nós abrimos o ensino...o ensino segundo grau na época, né, aqui na escola e acabei ficando e depois voltei pra cá pra trabalhar (risos). Fui professor, eles falavam assim que era o “act”, né, passei no concurso e voltei pra cá como efetivo. Meu cargo foi pra outra cidade, mas eu permaneci aqui pela aquela lei 22, e depois acabei removendo o cargo pra cá. Mas, na verdade nunca saí daqui (risos), eu estou aqui desde mil...novecentos...e noventa e três como professor, desde essa época.

Entrevistadora: Você leciona em outra escola?

Prof. P: Eu trabalhei aqui e no “O”, que é no Morumbí, eu trabalhei aqui e no San Martim, que é o “A”, então eu sempre estive aqui e numa outra escola. Agora, eu só tenho cargo aqui, então eu não posso pegar mais em outra escola... por ser efetivo aqui.

Entrevistadora: Falando dessa escola, eu estive aqui há uns três anos, e observei que ela estava bem depredada, bem destruída e sempre a gente ouvia os comentários de alunos que estudavam aqui, eu nunca estudei nesta escola, mas a gente ouvia de amigos que essa escola era super violenta, os alunos depredam, quebram tudo e agora, quando voltei para cá com a intenção de fazer este trabalho, eu vi que a escola estava toda reformada, fiz questão de ir aos banheiros dar uma olhada, porque lembro que desta outra vez que vim aqui, praticamente não existiam banheiros, os dois estavam todos quebrados e daí eu observei que a escola passou por uma reforma...

Prof. P: Às vezes não adianta a gente investir no prédio, tem que investir primeiro nas pessoas. Porque não adianta, você pode dar um prédio bonito para um pessoal que não sabe usar e eles vão destruir rapidinho. Então, o que acontecerão em algumas escolas, tem uma escola de tempo integral aqui, em Sumaré, o prédio lindo maravilhoso, foi inaugurado e no mesmo ano estava totalmente detonado!

O aluno precisa ser trabalhado, primeiro com a consideração de valorizar o espaço que ele tem que não era o que acontecia. Então, existiam algumas pessoas, algumas turminhas assim, que queriam marcar aqui como território deles, então acabavam dominando: era bomba no banheiro, explosão de vaso...e o que ficava muito marcante, era a impunidade. Como eles sabiam “eu vou quebrar e não vai acontecer nada”, não tem nenhuma consequência disso, eu não preciso me preocupar”. Então, a partir do momento em que nós começamos a trabalhar a consciência não só dos que praticavam, mas da escola inteira é que houve uma mudança de postura, eles passaram a preservar. Quando começou essa mudança, nós fizemos a reforma, principalmente dos banheiros, a direção, na época investiu muito nisso, era a “H” e o “G”, não essa “H” que está aqui, a outra. Ela reformou os

banheiros e para a surpresa das meninas colocou espelho, porque o banheiro não tinha espelho, então foi um choque para elas uma mudança desse tipo. E aí nós fomos adequando, investindo bastante neste espaço, você vê que o banheiro masculino é azul e o feminino é cor-de-rosa, e é bem voltado assim...a gente procura fazer o melhor possível. Não está ainda adequado, mas isso é um trabalho que vai ao longo do tempo (risos). Então, o pessoal que está aqui a mais tempo valoriza e os que estão chegando acabam respeitando, respeitam o que tem e estão mais abertos as mudanças, isso o que é importante.

Entrevistadora: Então, houve estas duas ações em conjunto: a reforma da escola e a mudança na percepção dos alunos...

Prof. P: Isso é. É uma conscientização, porque se eles querem, inclusive de bombas, a respeito das bombas, foi trabalhado muito a questão da segurança, da questão do barulho, da audição, do prejuízo na audição no caso de você estar em um ambiente e explodir uma bomba, a questão física mesmo de se ferir com um caco de louça, então nós fizemos todo um trabalho...as meninas que podem estar grávidas e perder uma criança por conta de um susto, por conta de uma bomba. E quando nós começamos a divulgar essa questão e todo mundo trabalhar “o que aconteceria no caso de uma explosão? Você estar em um lugar e eu explodir uma bomba?”. E isso começou a despertar preocupação e nós abrimos também para as consequências: de ter que chamar a polícia, fazer um boletim de ocorrência, fazer um processo de investigação, descobrir que estava com a bomba, porque a polícia tem como descobrir quem tem sujeira, a pólvora, né, tudo isso acabou despertando para a mudança.

Entrevistadora: Então, os professores tiveram fundamental importância. Talvez os professores foram os principais agentes para que a mudança acontecesse?

Prof. P: É, foram.

Entrevistadora: Então, segundo sua fala, houve mudança nas atitudes dos alunos no decorrer desses anos?

Prof. P: Houve. Bastante mudança.

Entrevistadora: Mas, em relação a essas ações de violência contra a escola, ainda é perceptível?

Prof. P: Reduziu bastante, o que a gente encontra de ação violenta, no caso de agressão, não chega a ser agressão física, mas a gente tem atitudes de desrespeito de aluno com professor. O aluno às vezes joga um papel, joga...aquelas bolinhas de papel, faz alguma coisa agredindo o professor, mas essas agressões elas são na verdade fruto de alguma coisa que o professor mesmo despertou. Como eu falei pra você, muitos alunos aqui são tratados com violência em casa, eles sofrem discriminação dentro de casa mesmo, eles tem um tratamento por parte às vezes de pais, de avôs, de irmãos, é violento, eles estão acostumados a serem xingados a todo o momento e se o professor for mais um simplesmente ele irá igualar o respeito com os demais. A partir do momento que o professor tem outra atitude com o aluno, ele pode ser agressivo, violento no começo, mas depois ele começa a pensar “porque eu estou fazendo isso? O professor não me trata dessa maneira”. Então, nós já tivemos casos aqui de manhã de professor ter que chamar a polícia para contornar a situação dentro de sala de aula por ameaça, e os alunos que estavam provocando isso, eram sim alunos terríveis, eram alunos problemáticos, mas não tinham esse problema comigo, essa dificuldade. Começaram assim, eles sempre testam você para ver até onde eles conseguem ir, como eles viram que eu não revidei e eu tratei simplesmente com indiferença, às vezes com conversa séria, às vezes até levando na brincadeira uma estupidez deles, eles mudam a atitude. E

eles, muitos deles, ainda me procuram, quando encontram falam que tem respeito por mim porque eu nunca agredi, nem com palavras, nem com atitudes e sempre que houve uma punição, ou que eu tive que tomar uma atitude mais radical, eles têm na consciência que foram eles que provocaram e que eles mereceram e é isso que é importante. E sempre ter em mente o seguinte: tudo o que você prometer para um aluno cumpra! Positiva ou negativamente. Nunca deixe para depois. Se você prometeu uma recompensa, recompense-os imediatamente. Se você prometeu uma punição, puna-os e não releve porque se você relevar você perde o controle da situação (risos).

Entrevistadora: Em relação à violência contra o patrimônio escolar: pichação, depredação. Elas ainda acontecem, mesmo sendo poucas?

Prof. P: Acontecem em menor número do que aconteciam no passado.

Entrevistadora: E são alunos da escola mesmo ou são ex-alunos.

Prof. P: São da escola e eles ainda não tem uma noção do que é público e eles sempre têm a necessidade de deixar uma marca, né, no ambiente que eles frequentam, eles sempre querem deixar uma marca de que eles estiveram (risos) que eles passaram por ali, eles não têm essa consciência, mas tem diminuído as pichações, agora os atos de vandalismo eles ocorrem também, mas são por uma minoria e sempre que são cobrados coletivamente, aparece o autor.

Entrevistadora: Você disse que costumam ocorrer ameaças aos professores...

Prof. P: É são raras agora, já foram mais intensas no passado mesmo por conta que nós já mudamos bastante o quadro. Alguns professores que eram mais radicais eles acabaram não vindo mais para cá. O professor, tanto o professor quanto o aluno ele tem que se sentir parte daquele espaço, então o que ocorria é que muitos dos professores que vinham para cá, mas eles às vezes não se desligavam do ambiente

que eles moram, que eles frequentam, que as vezes é bem diferente do que a gente tem aqui e eles querem externar isso, eles externam com palavras, com atitudes, até com roupa, aluno repara quando você entra na sala, ele sabe a sua marca de tênis, a sua marca de calça e ele repara, ele sabe quando você está querendo ser mais do que realmente você pode (risos) e isso cria um conflito e infelizmente se julga muito um livro pela capa ainda (risos).

Entrevistadora: Uma das coisas que estou tentando fazer no meu trabalho é buscar a relação a relação entre violência fora e dentro da escola. Pra isso, estou fazendo também um reconhecimento do entorno, do bairro e por ser um bairro de periferia, acredito que seja comuns problemas em relação ao tráfico de drogas. Você identifica este problema dentro da escola? Existe algum aluno que esteja direta ou indiretamente envolvido com o tráfico?

Prof. P: O que ocorre aqui é o que todos os professores são capazes de observar. Geralmente, você sabe como funciona, o pessoal que vende e trafica eles são os mais discretos possíveis. Agora, aqueles que consomem não conseguem esconder: pelas atitudes em sala de aula, pelo euforismo, eles ficam muito eufóricos, muitos assim...eles tem várias reações, alguns se desligam totalmente do que está acontecendo a volta deles, na sala de aula, ficam alheios, outros até chegam a dormir e tem alguns que ficam assim...eles querem extravasar. Nós encontramos isso aqui sim, nós temos este problema. E a droga, o que não é simplesmente as drogas que a gente chama de ilícitas, né, porque tem casos de alunos que consomem bebida alcoólica, principalmente à noite (risos) a gente consegue identificar que ele já vem pra escola, alterado e chegam aqui acabam também não conseguindo nem acompanhar nem ter um rendimento adequado dentro da escola.

Entrevistadora: Eu observei, quando estava fazendo o trabalho de observação, que teve um dia, no período da tarde, na hora do intervalo, tinham três alunos andando pelos corredores da escola com armas desenhadas em papelão e “brincando”, como se fossem os “donos da boca”. Daí fiquei pensando que isto poderia ser um reflexo daquilo que vivenciam fora da escola.

Prof. P: Não, isso daí...eles são muito repetitivos ao que a mídia mostra. Então você deve lembrar que teve aquele filme... tropa de elite, nossa!! Era o comentário deles... o tropa de elite. E embora o filme tenha uma classificação, uma faixa etária, você encontra no camelô. Então, é difícil você chegar para uma criança de quinta série e ele fala: “eu assisti!” “eu assisti na minha casa”. Então, às vezes o pai sabe, a mãe sabe que não é adequado, mas o pai e a mãe não seguem mais isso e isso influencia muito a cabeça deles, transforma a realidade, né, eles às vezes não têm isso aqui. Você deve ter observado que são raras as brigas entre eles, aqui se existe alguma briga de menina é por causa de namoro, alguma coisa que começou lá fora e terminou aqui dentro. Muitos acabam brigando não porque querem a briga, mas por pressão do grupo, o grupo acaba influenciando para que eles partam para a agressão. Então, essa violência ela praticamente não existe aqui entre eles. E eles até valorizando a escola neste sentido. Se tem algum problema que vai surgir, que vai acontecer uma briga na saída, raramente a escola, o professor, alguém não fica sabendo antes. E acaba chamando, chamando para conversar e às vezes acaba interferindo.

Entrevistadora: Em um dos dias que observei a sua aula, foi passado um abaixo assinado pedindo um zelador para a escola. Porque existe esta necessidade? Acontecem muitos roubos?

Prof. P: O que acontece, nós somos vítimas sim de constantes assaltos, tanto que você viu que nós não temos a sala de informática. A sala de informática foi roubada se não me engano três vezes, e inclusive uma das vezes foi um roubo absurdo, roubaram os 15 computadores, monitor, teclado, mouse, e todos os acessórios, foi retirado como se estivesse feito uma mudança. Não ficou um fio na tomada! Então, isso significa que foi um grupo bem organizado, é devem ter vindo de caminhão, porque levar tudo aquilo dentro de um carro é impossível e fazer todo este trabalho geralmente quem entra para um roubo entra preocupado e rouba mais o que está à mão, mais fácil de carregar e eles tiveram a preocupação de limpar a sala toda. Tiveram tempo e a tranquilidade de fazer isso. Então, a presença do zelador ela não vai proibir isso, mas quando a gente tem um zelador que interage com a comunidade, ele pode, por exemplo, nós temos o exemplo do... “V”, o “V” não é daqui da escola, ele trabalha aqui, mas ele é zelador do “O” (referindo-se ao nome da escola). O que ele faz no final de semana, ele abre o portão estacionamento, deixa o portão aberto, o pessoal tem livre acesso a quadra, pode jogar bola, pode jogar vôlei, pode usar o espaço da escola. Tanto os garotos da escola como a comunidade, acabam valorizando isso e respeitando mais a escola. Praticamente você zera o vandalismo, eles não querem quebrar, não querem destruir porque é um espaço que eles estão tendo acesso e eles acabam valorizando. Só nós tivéssemos um zelador, nós poderíamos ter essas ações aqui nos sábados e nos domingos. Não precisa as vezes nem ter um monitor. Ter pessoa que venha e faça uma requisição assim pessoal para a direção: “Eu vou assumir esta responsabilidade e venho aqui em tal período usar o espaço desta escola” a escola consente, tem uma pessoa responsável, não preciso por um guarda, não preciso por uma pessoa...um monitor ali pra tomar conta, a própria comunidade vai cuidar e os alunos sabendo

que eles tem esta certa liberdade, eles acabam respeitando e estragando menos este espaço que acaba sendo deles integralmente, essa consciência que eles não tem. Então, a zeladoria melhoraria, eu acho que seria uma mudança radical. Você pode até conversar com o diretor do “O”, eles não tem casos de roubos, de invasão, eles não tem casos nem de quebra de vidro de sala, nada disso e a escola fica aberta, o “V” abre no sábado de manhã e abre no domingo e se tem alguma coisa lá a própria comunidade dá um jeito de resolver.

Entrevistadora: A comunidade acaba também sendo responsável por cuidar desse espaço, né?!

Prof. P: Isso, e com o zelador presente ele fica ali, ele é uma autoridade ali dentro, ele resolve algum conflito que acontecer, mas eles sabem que eles têm essa liberdade para usar este espaço que na verdade é deles né, só que é fechado aos finais de semana.

Entrevistadora: Nas outras escolas que você já deu aula, existia alguma semelhança com essas ações de violência aqui desta escola ou não?

Prof. P: As escolas elas tomam algumas atitudes diferenciadas, por conta da direção também, a escola é muito da cara dos professores e da direção. Às vezes tem alguns que falam assim: “a escola funciona com o professor na sala de aula”, nem sempre. Nós conseguimos fazer o trabalho, mas precisamos da direção e a direção sozinha também não consegue.

Nas escolas que eu estive, no período que eu estive fora, algumas eram assim, bem radicais e rígidas contra a violência, porém não conseguiam diminuir.

Existiam atos de violência, de tráfico, de abuso, de desrespeito, quanto ao professor, então era assim. O adolescente ele quer regras, ele quer que você imponha limites, então cada caso era tratado de uma maneira. Tem escolas que eu já trabalhei, não

vou citar o nome, era tudo de portas abertas, o aluno tinha total afeto e liberdade, então o respeito era mínimo. A partir do momento que existia assim, em outra escola, existia uma hierarquia, então o tratamento, o índice de violência era bem diferente. Eles querem na verdade regras, né?! Cada escola é um caso especial.

Entrevistador: O professor gostaria de considerar mais alguma coisa?

Prof. P: O que eu tenho pra falar é aquilo, quem está na escola hoje, quem trabalha na escola, quem vive a escola é porque gosta, é porque gosta mesmo. Hoje você não encontra quem está aqui por dinheiro principalmente. Então, muita gente às vezes vai pra escola e se decepciona se decepciona por ter errado uma, duas vezes, e às vezes é um problema sério do professor. Professor se cobra muito. Você pode até achar que aquela sala está uma bagunça e que o professor não está nem aí. Na consciência dele, ele sabe que ele não deu uma aula legal e ele está se cobrando. Muitos até falam, ah eu não gosto, não quero ser professor, mas a questão de ter errado uma, duas, dez vezes, não significa que você não está no caminho certo. Muitas vezes você precisa rever suas ações e eu já errei bastante, já fiz muita coisa errada com aluno, tive que voltar atrás, aprendi duramente aquilo que eu falei pra você: sempre que prometer algo, cumpra! Se você falar que vai fazer faça! Eles valorizam muito isso, respeitam muito o professor que realmente é franco com eles e é capaz de cumprir aquilo que prometeu. Então, mesmo que tenha errado, achando que está tudo certo, a gente precisa sempre se auto avaliar nunca se acha assim no caminho totalmente contra, porque a gente erra muito e quem faz escola hoje é porque gosta realmente, não é porque veio aqui a passeio, veio preencher o tempo, porque você sabe o quanto é difícil lidar com adolescente, lidar com criança, mas espero que você logo esteja aqui em nosso meio (risos).

Entrevistadora: Obrigada professor!

Entrevista com Prof. P (Dezembro/2010)

Prof. P: O grande problema nosso, é a constante mudança na direção da escola. Então, nós pegamos num período, houve um período em que nós tínhamos muita depredação, tinha muita, vamos dizer assim, não chegava ser ataque contra os professores, mas existia muito vandalismo. Os alunos, muitos acreditam que, por exemplo, eles não gostam do professor e aí eles agredindo a escola, eles estão agredindo o professor, eles não tem esse discernimento.

Então, às vezes eles fazem danos contra o patrimônio acreditando que fazendo isso, eles estão agredindo a gente. Então, como foi feito? Foi feito uma conscientização, o que era a violência, o que estava acontecendo, a quem a violência estava prejudicando, como ficava a imagem da escola perante a sociedade, o pessoal aí fora, quando tinha que chamar a polícia para resolver briga de aluno na porta da escola, comunicar pais, sociedade, reunir conselho e às vezes ter que tomar uma decisão mais radical com aluno e aí eles foram tomando esta consciência.

O símbolo da escola, aquela pomba, ela foi realmente criada com o propósito de enfatizar esta ideia de paz, então, ele não foi colocado por um acaso. Foi pensado, foi tomada uma decisão em conjunto. Embora a gente tenha mudado de diretor, a coordenação, a direção, sempre foi ativa nesse ponto, sempre participou e as funcionárias até elas colaboram porque, no dia a dia, por exemplo, você tem um carro seu você lava o seu carro e se aparecer um risquinho você sabe que tem coisa errada. Então, a funcionária, ela convive mais detalhadamente com a escola, às vezes uma pichação em uma carteira, um escrito em uma parede, elas sabem que aquilo lá tinha um propósito, né, é uma marca, acaba sendo uma marca de alguma coisa.

E elas chamam a gente e mostra, mostram a carteira e fala “olha, tal sala está pichada assim, tem uma pichação dessa maneira”, picha só assim, desenharam a lápis alguma coisa. Então, nós sempre tivemos ajuda de todos! Todos! No geral. E foi feito. O que a gente pode notar de transformação, não foi registrado assim oficialmente, mas a escola não está mais tão degradada como era, nós chegávamos ao final de ano a escola estava terrível, precisava pintar quase tudo e você viu aí que nós não temos quase nada, nem escritos em paredes, né, eles acabam mantendo. E hoje, como eles têm essa tomada de consciência, que é um fato deles, eles até colaboram às vezes. A secretaria de educação, elas falam assim “vocês não podem pedir para o aluno limpar, não podem pedir para carregar carteira, não podem pedir para que eles façam determinadas coisas”, mas pra eles é importante isso e eles às vezes se oferecem: “Ah a gente queria dar uma limpada na sala”; “A gente pode varrer a sala?”. Então os professores sempre permitem que isso seja feito, desde que os alunos se disponibilizem para isso. Então, nós fizemos essa campanha. A questão da bomba, de fazer o mal, qual o prejuízo que a bomba trás numa explosão no banheiro, a questão do som, não só a questão física, né, e aí todos os professores fizeram essa tomada, elaboraram esse trabalho dentro de suas aulas para que a gente reduzisse isso. E foi feito esse trabalho, na verdade esse trabalho de redução de violência ele é constante, ele não pode ter um período, porque nós vivemos em uma sociedade em que você não pode considerar que é pacífica (risos), nós não temos uma sociedade pacífica, porque se não nós não teríamos muros altos, grades, alarmes em carros. Então, esse trabalho é constante. A escola se dedica a ele em todos os anos de acordo com as situações que vão surgindo. Às vezes a gente precisa combater o bullying mais em uma sala, menos em outra, a gente precisa trabalhar determinado aspecto de relacionamento, de convívio

mais num período, menos em outro, a gente precisa trabalhar uma conscientização dos alunos, às vezes do noturno, no mesmo sentido que é trabalhado no diurno. Então isso é bem assim, variável, né. Essa construção do projeto ela nasceu principalmente disso, a degradação da escola, o excesso de invasão e nós trabalhamos a escola, nós vivemos a escola, eu, a coordenadora, as serventes. Então a gente precisa encarar isso! A gente precisa transformar este espaço, por isso a gente tem essa consciência, né, de fazer isso. E esse trabalho como uma ação em conjunto foi elaborado, olha, nós fizemos filmes, nós mostramos filmes no pátio, alguns filmes que tratam da violência, nós fizemos esse trabalho não só no pátio, um filme coletivo que a escola toda assistir junto, todo mundo junto, como fizemos também trabalhos em cada sala, foi feito um trabalho com filme com música, nós chamamos a comunidade para o que estava acontecendo. Logo no início, quando surgiu essa ideia da pomba, para você ter uma ideia, nós juntamos, nós convidamos o prefeito, o representante da prefeitura, o assessor responsável pela guarda municipal na época, e os membros da sociedade, algumas pessoas assim, que eram pais de alunos, e pastores, ou é de, como fala na igreja católica? Tem aquele movimento... EJC, chamamos eles. Eles elaboraram proposta dos alunos, juntaram com a comunidade cristã, elaboraram uma apresentação com música, violão e canto e eles passaram em todas as salas durante o período noturno, uma vez por semana, paravam a aula, a sala inteira cantava, o pessoal fazia assim uns 15 minutinhos em cada sala e era feito esse trabalho para unir, para chamar para o grupo. Porque mesmo aqueles que pensam assim “eu venho para a escola, mas eu não me sinto parte da escola”, então, a partir desses movimentos, muitas pessoas que estão aqui, ou elas são de comunidades cristãs, de alguma religião de alguma igreja, ou de algum movimento da igreja católica, que é o EJC. Mas tem alguns, que

não precisam ser nada disso. Então, o que a gente fez foi elaborar isso: eles cantavam para a sala, eles tocavam e a sala inteira se envolvia naquilo. Então, era um momento que mesmo aquele que estava isolado, ele se sentia parte do grupo. Foi feito de maneira, assim, é um trabalho de formiguinha que consegue a transformação aos poucos, mas surtiu resultado. Você mesma pode ver, né, a escola era muito degradada, muito pichada, nós tivemos uma direção há um tempo em que era totalmente voltada para essas camadas sociais mais carentes, só que de uma maneira... É... Muito assim... como posso dizer...ela era muito solidária, ela era contra a punição...então, ela privilegiava os maus em detrimento dos bons e bons acabavam querendo ir para outro lugar ou se isolar e isso radicalizava mais ainda, pareciam duas forças opostas dentro da escola. Quando os alunos começaram a perceber, que eles mesmos escolheram a pomba, foi feito o bordado, foram feitos assim vários trabalhos, de várias ideias, criou-se lema para a escola e a gente trabalhou isso. Nós saímos do nada para um desfile em Sumaré, ensaiamos a banda da escola, nós desfilamos com 12 alas em Sumaré, então aquilo foi acho talvez o auge do nosso trabalho. Conseguir unir a escola a tal ponto, manhã, tarde, noite, a ponto de colocar todo mundo junto pra fazer uma apresentação e foram. Então é um trabalho e ainda acontece, a gente ainda tem, não tem mais a banda agora, não tem a fanfarra, mas nós ainda fazemos muitas coisas assim neste sentido.

Entrevistadora: E quando que começou o projeto?

Prof. P: Não é muito recente não, já tem...acho que tem...nós começamos, deve ter uns oito anos ou mais. Foi em 2004! Foi por volta dessa época, então 2004, nós já estamos em 2010... seis anos né, seis anos já, mas radicalizou muito, mudou bastante a escola (risos).

Entrevistadora: Então foi mesmo uma ideia em conjunto?

Prof. P: Foi uma ideia em conjunto, em conjunto principalmente do pessoal que está aqui, do pessoal que faz a escola, porque os professores e coordenação, nós estamos sempre aqui, nós temos essa ideia tá, as vezes a gente até briga porque, a gente está na escola, a gente é a escola, a gente tem que lutar pela melhora dela, então partir dos professores mesmo, porque eles acabavam sendo a vítima maior, né, o contato mais direto com os alunos é o professor. Então, é aquilo que eu falei pra você, quando o aluno picha, ele destrói, ele quebra, porque ele acredita que fazendo isso ele está agredindo ao professor, ele não tem a consciência de que este mau ele está fazendo para ele mesmo. Então, em 2004 a gente começou este trabalho e teve apoio bastante da comunidade, das igrejas. É como eu falei para você, este canto, que ocorria era uma vez por semana, vinha um grupo da igreja católica, trazia um violão, trazia um monte de coisa, eles entravam e cantavam por 10, 15 minutos em cada sala. Os alunos até ficavam esperando aquela semana. E na outra semana, um grupo de igreja cristã, eles vinham fazer uma apresentação de coral, cantavam, falavam um pouco de Deus, de maneira imparcial, sem divulgar religião, faziam uma apresentação e eles adoravam.

Entrevistadora: Existe algum registro em ata ou fotografia referente a este projeto?

Prof. P: Não, o registro em ata, as atas de 2004 (risos) é difícil. Foi feito essa reunião com a comunidade, com o representante da guarda municipal, veio também uma representante, uma pessoa da PM que eles atenderam prontamente, os pais que eram envolvidos com a escola, não só aqueles que fazem parte do conselho, mas os pais realmente envolvidos e interessados, eles vieram. No começo, nós chegamos a fazer umas quatro ou cinco reuniões no primeiro semestre, pra gente não perder o fio da meada. Muita coisa foi deixada de lado e muita coisa foi

retomada e muitos foram redirecionados com sugestão, às vezes assim, até do pessoal de fora.

Entrevistadora: Em algum momento houve resistência de alguma das partes?

Prof. P: Então, a resistência por parte dos alunos, primeiro surgiu de uma parte que era violenta, mas essa resistência é assim, é um contra o bando, né, não tem força. Então, alguns foram embora, resolveram mudar de escola, acabaram assim, mesmo que a gente ligue e peça para vir, não quiseram mais participar da escola. A escola passou ser um lugar desinteressante pra eles. Então, enquanto eles podiam mostrar o terrorismo, a força, o medo, eles se sentiam realizados. Depois, quando isso passou a ser uma coisa que estava sendo combatida, e todo mundo entre eles sabia quem era os autores das bombas, quem eram os autores das depredações, então pra eles ficou assim pouco espaço.

Entrevistadora: Hoje então o trabalho é realizado conforme a necessidade?

Prof. P: Não, ele não é somente quando tem a necessidade. Muitas vezes o professor observa alguma coisa na sala de aula, o bullying, essa questão, a coordenação participa muito destas atitudes, comentando em HTPC e às vezes intervindo. Qualquer assunto que a gente trate em HTPC ou mesmo fora dele, chamou, conversou, eu notei um aluno assim, precisamos ver o que está acontecendo... então, a coordenação, a direção, sempre entreviu, sempre! E, às vezes, muito, a gente não consegue estar em todos os lugares ao mesmo tempo, e ajuda muito a parte de inspeção, o inspetor de alunos, porque o inspetor de alunos às vezes fala assim: “Ah! É um saco, né, a gente ter que aturar!” Mas, eles, só pela presença dela, da Stefanny, só pela presença do inspetor de alunos já inibe de fazer muita coisa. Então, não preciso muito, às vezes a gente acha que o recreio, o intervalo deles, alguns professores ficam no pátio, permanecem entre eles, mesmo a

inspetora, ela não está ali para vigiar, mas para interagir com eles. Então, isso é um trabalho importante, não preciso estar ali para mostrar o que é certo, o que é errado ou para ficar assim, vigiando como um guarda, mas só de interagir, de conversar, de estar mais próximo isso interfere no comportamento e bastante! Então, ele não é só quando a gente observa, mas é um trabalho constante.

Entrevistadora: Este trabalho teve alguma influência de algum documento lançado pelo governo? Tivemos o ano passado o lançamento das “Normas e Condutas Escolares”. Tem algum trabalho relacionado a isso?

Prof. P: Qual foi a preocupação deles? Além de lançar isso, ele queria combater o uso do celular na sala de aula, o uso do celular na escola, né, você ouviu falar, mas assim como sempre teve, a cobrança pelo uniforme, e determinadas, vamos dizer assim, regras, mas a gente vê muito o nosso contexto social, a gente observa muito isso. Às vezes você pode chegar aqui e falar assim para ela: “mas escuta, a coordenadora, eu vi um aluno sem uniforme!” Mas cada caso é um caso! Então, a gente pode ter quinhentos, seiscentos alunos, mas a coordenadora sabe quem é cada um, qual é o problema, ela sabe da partezinha da história da vida, ou sabe de uma parte enorme. Ou por aquilo que ela observa, conversa, e consegue apurar, ou por aquilo que a gente passa para ela. Então, o importante é isso daí: escola e interação. Para ela funcionar bem, tem que interagir. Então, a regra nem sempre, você criar uma regra e querer cumprir a risca ela não é muito aceitável. Primeiro, quando você lida com adolescente e segundo com ser humano. Como eu falei para você da outra vez, muitos alunos são acostumados com a violência dentro de casa, são xingados, e são massacrados. Se eles virem para a escola e já desde o portão ela começar a falar do uniforme, disso, daquilo, vai ser só mais um lugar que ele vai se sentir também perseguido, só que com uma diferença, aqui ele pode reagir contra

ela violentamente, porque ela não é parente dele! Então, às vezes ele é obrigado a respeitar o pai, a mãe e o avô, ou por espancamento ou por imposição e se você tratar eles com a mesma violência que eles estão acostumados lá fora, pra eles vai ser só alguma coisa... eu já tive aluno que me xingou, que me ofendeu, se sabe aquela coisa de você chegar e ter que sair e ter que contar até dez pra voltar, e depois de um tempo vem pedir desculpa. Aqueles que não tiveram coragem de pedir desculpam pessoalmente, escreveram. Às vezes escrevem um bilhete e deixa no meio do diário pedindo desculpas. É a maneira deles! Para eles aquilo foi um passo enorme! Não adianta você chamar eles e dizer “não, você vai pedir diante da sala!” Não é assim!

Entrevistadora: Ok! Obrigada!

Entrevista com Prof. C (Dezembro/2010)

Entrevistadora: Você está aqui (escola) deste quando?

Prof. C: Estou aqui desde 2000.

Entrevistadora: Quem que pensou o projeto? Teve alguém que teve a ideia ou foi algo pensado em conjunto?

Prof. C: Essa ideia surgiu das gestões que passou por aqui no período de 2000, 2001 e 2002, aonde, realmente, quando eu cheguei aqui a escola era totalmente depredada, nenhum vidro inteiro, as paredes todas pichadas, carteiras quebradas, dentro das salas de aula...pichação, né?

Então, foi feito um trabalho de conscientização dos alunos pra que se mudasse isso. Então, diretores chamavam os alunos voluntários para que viessem ajudar a pintar novamente a escola, fazer uma repintura, a escola no longo destes anos passou por várias repinturas, no momento que ela está hoje, também surgiu uma repintura no

início do ano, sempre de ano a ano faz a conservação, né, e a conscientização dos alunos em cima da conservação do patrimônio, que seriam benefícios para eles.

Além da mudança também, um pouquinho, do perfil do bairro, nesses anos, ao longo desses dez anos, também você observa que o bairro se tornou um bairro de pessoas trabalhadoras, pessoas que tem o perfil, né, de estar valorizando o estudo, sendo que muitos pais daqueles alunos que não estão aqui, trabalham de pedreiro, de doméstica e não tiveram oportunidade de estudo na época ou se tiveram, talvez não aproveitaram com clareza.

Então, eles cobram também dos filhos, a gente pediu para que eles cobrassem também dos filhos, há uma conscientização junto aos professores para que se faça também esse trabalho, né?

Houve um trabalho com foto do antes e o depois, né, com a pichação, sem a pichação.

Então, ficou sendo massificado durante, pelo menos, um ano ou dois, nós massificamos o trabalho em cima disso.

Todos os professores, todas as disciplinas, tentando falar a mesma língua, né, com relação à preservação do patrimônio, se via alguma coisa pichada, alguma coisa, já chamava o aluno, já conversava, né, ou se fosse nos casos extremos, o aluno era advertido, então, com isso foi mudando um pouco da mentalidade desses alunos.

Só que, o que a gente observa assim, que ainda... há um passo importante da gestão, né?!

A gestão na escola é importante, porque ela tem a capacidade de estar levando o grupo não só dos profissionais, dos professores, dos funcionários, como também a orientação dos alunos. Se você pegar uma gestão onde deixa se acontecer de tudo

e não se toma nenhuma providência, infelizmente acaba descambando e não tem retorno.

Entrevistadora: Como foi realizar este trabalho? Quem esteve envolvido? O que foi feito, que você lembra, na época mais crítica, o que foi feito?

Prof. C: Então, na época mais crítica, nos envolvemos principalmente aqueles alunos que tinham um perfil da bagunça, que gostavam de bagunçar, de não frequentar corretamente as aulas, para que esses alunos ajudassem a olhar, ajudassem a depois a preservar, limpar, pintar, então, traríamos estes alunos, em alguns momentos, aos finais de semana, ou em algum momento que ficasse sem aula, pra ajudar, pra ele ver a dificuldade que era, às vezes, ficar pintando uma parede, para que ele se conscientizasse e não fazer mais aquilo, né... não como castigo, né... e também não era obrigatório ele participar. Ele participava porque ele queria, foi uma sugestão que foi lançada a ele e... que deu efeito.

E mais uma vez frisando, que os professores todos começaram a trabalhar em cima disso, alguns projetos, algumas manifestações culturais, até mesmo da pichação, né, então, do grafite, trouxemos grafiteiros para explicar para eles o porquê do grafite, qual a importância, mas grafite profissional, não a pichação simplesmente como ato do vandalismo.

Entrevistadora: Teve o envolvimento da comunidade nisso (projeto)?

Prof. C: Sim, houve um envolvimento. Nas reuniões de pais, a gente sempre passou a necessidade do envolvimento da família, né... da comunidade em si, para que pudesse ajudar a evitar esse tipo de... pichação, depredação.

Entrevistadora: Existe algum registro? Foto ou ata? Você disse que foi feito um trabalho, né?!

Prof. C: Sim. Eu não sei te dizer exatamente onde pode estar né, estes registros arquivados, guardados...

Entrevistadora: Faz tempo que foi feito, né?

Prof. C: Faz alguns anos que foi feito isso, então não sei se ainda...na direção ou na coordenação você pode encontrar alguma coisa...principalmente as fotos né, porque nessa época eram utilizadas, as vezes, não máquinas digitais, então eram fotos...em alguns momentos pode ser que tenha no arquivo da escola algumas fotos antigas, e você pode ta utilizando aí.

Entrevistadora: Houve resistência, você lembra se houve alguma resistência de algumas das partes, dos professores ou da comunidade ou dos alunos quanto a este projeto?

Prof. C: Não, porque da forma que estava a escola, no grau de depredação que tava a escola, até os pais nas reuniões, professores, enfim, porque ninguém gosta de trabalhar na sujeira ou lugar feio, né, então os professores estavam empenhados a ficar fazendo este projeto, a direção como tínhamos as mudanças, ela também tinha o dever de estar colocando a casa em ordem, né, porque ela assumiu justamente com este objetivo, colocar a casa em ordem e arrumar todo o espaço.

Entrevistadora: Esse trabalho continua ainda hoje ou não?

Prof. C: Não, foi feito naquela época. Hoje a gente ainda conscientiza caso aconteça algum fato isolado, né, em alguma sala, tal, mas hoje a gente não tem praticamente tantos problemas. É um caso ou outro que às vezes um aluno, talvez proveniente até de outra comunidade de fora que às vezes façam um registro com o nome dele ou alguma coisa assim. Mas, isso já é orientado para que não façam.

Entrevistadora: Você lembra quais foram os anos que foram realizados estes trabalhos?

Prof. C: Eu vim pra cá em 2000...o trabalho se não me engano começou em 200...2, 2001, 2002, 2003, mas ou menos nessa faixa aí.

Entrevistadora: Eu observei que no uniforme tem o símbolo de uma pomba...

Prof. C: Sim, ela foi feita com relação a bandeira do “Wadih”, a gente não tem ela hasteada por aí, mas foi feita uma bandeira, foi projetada uma bandeira, onde tinha esta pomba significando a paz. O bairro até então, alguns anos atrás, ultimamente não sei como estar, eu não moro aqui no bairro, mas, assim, pelo o que a gente ouviu as pessoas comentando, ele sempre foi muito violento, né, com relação ao tráfico de drogas, com relação à violência em um modo geral que não só no bairro, no Brasil todo. Mas, então, significado de paz...uma coisa mais serena.

Entrevistadora: Ok! Obrigada!

Entrevista com Sra. “V” (Secretária) – (Dezembro 2010)

Sra V: Eu sei que no ano que eu entrei aqui, 92, 93 até 96, era uma escola super tranquila. Depois de 96 tiveram um problemas aí... mas, era assim, entrava um diretor...um exemplo, entrou uma diretora aqui que acabou com a escola! Uma louca, que nós a chamava de louca, e aí ela saiu, mas depois que essa moça saiu daqui não teve mais nada. Depois teve aquela pichação, né, um tempo aí.

Entrevistadora: Foi em 98?

Sra V: Não, 2000 e... eu não lembro o ano assim pra falar pra você, porque eu to tanto tempo aqui que eu não marco data. Então, mas só que agora, no momento, que eu sinto é que a escola ta muito melhor, que já passou por muito... baixo astral, mas que superou e agora no momento ela ta uma escola que você ta vendo aí, sossegada.

Entrevistadora: Os professores me disseram que nos anos de 2003, mais ou menos, foi feito um trabalho junto com os alunos, né, pra que eles se conscientizassem e não depredassem mais...

Sra V: Pois é...isso eu não lembro. Com certeza, estes que fizeram o trabalho é que estão sabendo. Eu não tô sabendo, mas se eles disseram é porque houve né?!

Entrevistadora: Eles disseram que veio a igreja fazer trabalho junto com os alunos...

Sra V: Sabe, eu não vejo isso aí, não lembro, mas, ah... esse tempo aí foi o tempo de quem...dá...Cidinha. Que veio... ela chamou o padre, né, pra vim aqui na i...na escola...eu só lembro disso, agora, mas também não foi...eu não vi o trabalho contínuo. Teve um dia, agora se houve mais dias eu não vi. O que eu vi foi isso, mas que houve sim, e deve ter havido porque melhorou muito, né?! Não ia melhorar sem ajuda, né, de alguém. Se alguém deixasse, ia ficar cada vez pior. Por isso eu acredito que tenha sido isso mesmo que eles disseram.

Entrevistadora: Quando a escola foi reformada os alunos contribuíram na reforma? Eles ajudaram a pintar...?

Sra V: Ah...certa vez sim, os alunos ajudaram. Foi quando... deixa eu ver...o Gilmar era vice-diretor aqui. Vê se tem o Gilmar? Deixa eu ver se tem o Gilmar aqui pra mim lembrar (pega as fotos da minha mão). Teve até os professores também que ajudaram a. na pintura, eu me lembro... (olha as fotos). Então filha, foi acontecimento uma vez, sabe?! Uma coisa que houve uma... não foi uma coisa que tal...um exemplo: vai vim tinta, precisamos de ajudante, aí vinham os alunos, entende? Aí evitava pagar mão de obra, né?! Então, aí você ta vendo os meninos mexendo com tinta (mostra uma foto). É o que eu to te falando, o que eu vi passar aqui foi isso. Uma vez, né?! Depois com a Dna Marilda também, houve uma pintura

aqui que aí ela chamou os funcionários, né, que pintou a escola com ela, né?! Tinha alguns alunos, mas aí ela achou que estavam fazendo extravagância, gastando muito produto, ela pegou e falou “Não, deixa que a gente mesmo pinta.”

O que eu lembro é isso, só...só esse tempo que teve, que eu lembro que alguém fez alguma coisa na escola. Teve o Gilmar também, que o Gilmar, ele chamou os alunos, trabalhou com eles! Pintou a escola com eles! No tempo do Gilmar sempre foi.

Entrevistadora: O Gilmar era diretor?

Sra V: Era vice-diretor daqui. A mulher dele era a Heliete, outra Heliete, que era diretora. E é isso que eu lembro.

Entrevistadora: O que você percebe que mudou na escola?

Sra V: Mudou o comportamento dos alunos, né?! Completamente! Não são mais rebeldes como eram, que um pouquinho que a gente saia daqui, eles entravam aqui pra roubar. Era! A gente chegava tava tudo pichado! Quantas vezes eu cheguei aqui e essa escola toda pichada. Hoje não existe mais isso! Totalmente diferente! Não tem mais pichação! Você pode ver na escola. Uma vez eles picharam a frente lá todinha, tinha pintado bonitinho. Picharam tudo! Nossa! Foi uma tristeza! Mas agora oh, esse ano e o ano passado, a direção do baixinho...como chamava ele?...Edmar e da “H”, até o tempo da “M”, não houve. Não houve essas coisas. Parou bem. No tempo da “M” houve roubo, né, de computador, mas isso não é nem coisa de aluno, é coisa de estranho. Agora, que o alunado ta bem mais disciplinado, na nossa escola, ah isso ta sim! Que a gente via coisa aí que a gente não vê mais, né?! Graças a Deus, né?! Melhorou bem!

Entrevistadora: Eu estava vendo que no uniforme tem o símbolo de uma pomba, acho que teve a ver com o trabalho, né?!

Sra V: É isso mesmo. É a pomba da paz. Foi a partir de... a “M” ficou três anos aqui, foi embora. Daí entrou o Edmar, ficou um ano. Aí entrou a “H”, tudo em seguida assim, mas eu acho que esse pombo foi antes ainda da “M”. Faz tempo já que eles pediram paz na escola, paz para os alunos, né, ajudar os da escola, sabe, o que visse um fazendo coisa errada vim falar, isso é o que eu lembro que houve aqui. E esse trabalho, ele se conquistou muito forte, porque, ajudou a escola, né?! Ajudou em tudo, porque o prédio você vê, ta bem limpinho.

Sra V: oh, isso que você ta me perguntando eu não sei se eu estou sabendo responder, né?!

É porque é de três direções pra cá que a escola ta atualizada assim, né?! Não foi só agora, veja, dos três diretores anteriores, pra cá, que a escola ta essa belezinha aí, já faz três, quatro, cinco anos! (...)

Entrevistadora: Ok! Obrigada!

7.3 Anexo 3: Campanha contra o extermínio de jovens

<http://www.juventudeemmarcha.org/>